

COLEÇÃO APLAUSO **PERFIL**

**OSAMBA E OFADO**  
TANIA CARVALHO

imprensa **oficial**

**PEDRO PAULORANGEL**

**Pedro Paulo Rangel**

**O Samba e o Fado**



**Pedro Paulo Rangel**

**O Samba e o Fado**

Tania Carvalho

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2006

**GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO**

Governador  
Secretário Chefe da Casa Civil

Cláudio Lembo  
Rubens Lara

**imprensa oficial**

Diretor-presidente  
Diretor Vice-presidente  
Diretor Industrial  
Diretora Financeira e  
Administrativa  
Chefe de Gabinete

**Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Hubert Alquéres  
Luiz Carlos Frigerio  
Teiji Tomioka  
Nodette Mameri Peano  
Emerson Bento Pereira

**Coleção Aplauso Perfil**

Coordenador Geral  
Coordenador Operacional  
e Pesquisa Iconográfica  
Projeto Gráfico  
Assistência Operacional  
Editoração  
Tratamento de Imagens  
Revisor

Rubens Ewald Filho  
Marcelo Pestana  
Carlos Cirne  
Andressa Veronesi  
Aline Navarro  
José Carlos da Silva  
Amancio do Vale  
Dante Corradini  
Sárvio N. Holanda

## Apresentação

*"O que lembro, tenho."*

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto

gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o primeiro roteiro completo escrito no Brasil com

a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica, contar com a boa

vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres  
Diretor-presidente da  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

## Introdução

Pedro Paulo Rangel tem na voz a sua origem. Meio malemolente, meio chiado, uma mistura de carioca da Lapa, onde nasceu, com o português, de quem descende. E de onde vem o sotaque carioca, senão dos portugueses que por aqui aportaram? Ele fala de um jeito todo especial, que já virou marca registrada. *É absolutamente natural, é assim que falo mesmo. Quando as pessoas começam a ascender assim um pouco na profissão, na vida, elas começam a sofisticar os esses e os erres, a falar trrrrreiss, doissssss, acho tão falso!*

11

PP – como todos que gostam dele o chamam – é a perfeita síntese das duas culturas. Pois, além do delicioso sotaque, ele tem na alma as duas culturas: o samba, alegre, de influência africana, com molejo e alegria, a comédia; e o fado, triste, fatalista, trágico, enfim, o drama. E talvez por isso oscile tão bem entre os dois gêneros, onde quer que tenha oportunidade de mostrar o seu talento: no teatro, na TV, no cinema.

De tão versátil, às vezes se sente perdido. Ora, assim é PP: cheio de conflitos, dramático, mas também extremamente engraçado e crítico, em especial de si mesmo. Quando conta uma história,

faz um imediato contraponto, como se alguém estivesse observando e comentando. *Dizem que faço assim também quando interpreto, como se estivesse sempre comentando o personagem.*

Nossas conversas começaram antes do Natal de 2004 – aliás, ganhei um presente lindo dele, uma deliciosa caixa de biscoitos da Confeitaria Colombo, a mais antiga do Rio de Janeiro, que somente um carioca da gema poderia dar. E acabaram no carnaval de 2005. Elas aconteceram no apartamento de frente para o mar de Copacabana, onde PP mora nos últimos cinco anos. Acompanhei todo o seu estressante processo de procurar algo novo, já que havia sido obrigado a abandonar a *Prédia* – como é apelidado o edifício e ele conta no livro o porquê. Mas isso não atrapalhou os nossos encontros. Circundados por fotos familiares, pôsteres de peças, diversos prêmios Molière e tendo um insistente carrilhão a marcar a passagem do tempo, conversamos muito, horas a cada vez.

A pesquisa sobre PP foi feita em diversos lugares, mas quem forneceu as melhores e mais apuradas informações foi ele mesmo. PP é um dos poucos atores que conheço que têm tudo registrado, um currículo completo, com todos os detalhes, que está publicado no final desta edição.

Outra fonte preciosa foi o seu *blog* ([www.soppa.deletra.blogspot.com.br](http://www.soppa.deletra.blogspot.com.br)), que começou como um diário da montagem de seu mais recente trabalho em teatro, o espetáculo *SoPPa de Letra*, mas foi se transformando num delicioso auto-retrato de seu criador. Não resisti, invejei as suas tão bem escritas palavras, e, devidamente autorizada por ele, usei diversos *posts*, colocados ao longo do ano, para enriquecer trechos de seu depoimento. Para quem se enrolou neste último parágrafo e é neófito em matéria de internet e suas ferramentas, *blog*, segundo *The Routledge Encyclopedia of Narrative Theory...* *é um website atualizado freqüentemente, com entradas datadas organizadas em ordem cronológica reversa. Assim os leitores vêem primeiro o mais recente post. O estilo é tipicamente pessoal e informal. O blog de PP é muito mais do que isso: um passeio pela Lapa dos anos 50, pelo processo de construção de um espetáculo, pelas inquietudes de seu autor. Por isso, nada mais justo do que dividir com PP a autoria deste livro, no sentido mais extenso: além de ser generoso em contar a sua vida, ele emprestou seus textos.*

13

E as fotos? Foi mais fácil ainda. Em sua estante estão guardadas dezenas de pastas, catalogadas e etiquetadas pelo nome da peça. Dentro delas, fotografias, convites para a estréia, bilhetinhos

dos amigos, críticas, crachás de festivais e, requinte dos requintes, os textos teatrais completos. *Quem começou foi mamãe, mas agora sou eu mesmo que faço. É o virginiano que existe dentro de mim – sou Câncer, com ascendente Virgem – que não me dá sossego. Não pode ter nada de sarrumado, que lá fica ele me atormentando.*

14

Rebelde, esquisito, dramático, paranóico, neurótico, encucado, adicto – são adjetivos que PP usa para se autodefinir ao longo de nossas conversas. Eu contraponho outros: brilhante, antenado (ele usa computador desde os seus primórdios, adora a sua câmera digital e tem na internet uma de suas mais queridas aliadas), engraçado, humano, sensível. E assino embaixo no esquisito. Pois como ele mesmo diz, *só uma pessoa muito esquisita faz as loucuras que faço, como ficar em um palco dizendo letras de música. E viva a esquisitice!*

Em janeiro de 2005, Pedro Paulo Rangel completou 37 anos de atividade artística: 34 peças teatrais, 15 novelas, 12 filmes, além de dezenas de participações em programas na TV Globo, dentre eles, *TV Pirata*. Premiadíssimo no teatro, PP se ressentia de jamais ter ganhado um prêmio na TV e somente um no cinema, pelo curta-metragem *Cego e o Amigo Gedeão* e de ter uma carreira meio esquizofrênica. *Em uma época, já tinha um Molière e fazia quase figuração em um programa*

*de humor – era o homem 3. De vez em quando esta situação se repete. Fez sucessos e fracassos e de todos eles tirou uma lição. Já senti, por exemplo, que o fracasso de uma novela era culpa minha. Hoje, depois de anos de análise, já melhorei bastante. Quanto ao sucesso, ele ensina que é difícil mantê-lo. É preciso lutar sempre.*

Pois bem, fica acrescentado mais um adjetivo: um lutador. *Nunca foi fácil desde o dia em que olhei no espelho e disse: louro, olhos azuis, 1,90m, você é um ator!* Nem louro, nem alto e nem lindo. Mas, definitivamente, um ator.

**Tania Carvalho**

Fevereiro de 2005



## Capítulo I

### Dúvidas e Certezas

Como ator, gosto de fazer coisas diferentes. A minha inquietação é permanente e o medo de me cristalizar, ficar estático em um ponto, numa só fórmula, me persegue pela vida inteira. Se por um lado é bom, porque sou considerado versátil, por outro vivo constantemente perdido.

Drama ou comédia? Em que gênero me sinto mais confortável? Não sei. Tenho uma dificuldade grande de chorar. Em cena e mesmo na vida. A única coisa que me deixa com os olhos marejados são as emoções baratas de um filme da *Sessão da Tarde*. Quando preciso chorar, uso artifícios. Às vezes vou para frente do espelho, faço uma força danada para me ver chorando, quem sabe isto puxa uma válvula qualquer. Que nada! Uma secura absoluta! Ainda bem que tenho um companheiro: Laurence Olivier também não chorava.

E a comédia? Meu Deus, como é difícil! Comédia é tempo, ritmo, matemática. Se você perde um milionésimo de segundo, a piada não funciona. Aquele riso certo, a piada exata, um dia pára de funcionar e é dureza reconquistar o momento.

Sou baixinho, mas sempre fui abusado. Aprendi com o tempo e com a vida os meus limites, mas nunca me deixei intimidar por isso. Não sou um galã, embora tenha *cometido* dois em minha carreira. As minhas *leading ladies*, coitadas! Abandonaram a carreira. A Cristina Nunes de *O Noviço* e a Tereza Cristina Arnaud, de *Saramandaia*. Acabei com elas! Nunca foi fácil para mim, porque as pessoas querem beleza. Se vier aliada ao talento, melhor ainda. Mas é a beleza que conquista mais rápido, seduz no primeiro olhar. O caminho do talento é mais árduo, mais difícil. Você precisa conquistar o voto de confiança: *Será que dá para eu mostrar uma outra maneira de você se divertir?*

Já tive muitos problemas com isso. Acho que superei. Será?

Detesto me ver. Agora inventaram de lançar as peças em DVD. Eu me recuso a ver. Quanto às novelas, só dou uma olhadinha no início, para ver se está muito ruim. Depois, entrego a Deus e observo a reação nas ruas. Se a repercussão é boa, é porque estou fazendo bem. Se a rua não diz nada, ou o papel é ruim ou estou fazendo muito mal. Aí tento corrigir. Às vezes dá certo, outras não.

Fiz bons trabalhos no teatro e na TV. Tenho muita sorte e bons amigos.

Um dia vou escrever um livro: o *Manual do Coadjuvante bem Comportado*, uma coisa engraçada de A a Z, manual mesmo. Sei que é meio esquizofrênica a minha carreira: posso ser uma estrela no teatro e um coadjuvante na TV. A gente se acostuma com isso. Ou se rebela. Foi o que fiz quando saí da TV a primeira vez e passei oito anos fora. Trabalhava no *Viva o Gordo*, fazendo o *homem 3* e já havia ganhado o meu primeiro Prêmio Molière no teatro. Como lidar com isso? Largando a televisão. Voltei quando o Daniel Filho me chamou para fazer *O Primo Basílio* e depois a novela *Vale Tudo*. Mas, volta e meia, a situação se repete e tenho que conviver com isso, com o papel de coadjuvante bem comportado.

19

Sei que hoje estou em um patamar, como ator, relativamente alto e confortável. Numa escada de dez degraus, acho que estou no oitavo. Sei, porém, que a queda pode ser rápida. Amanhã mesmo posso estar no sexto e vou levar mais tempo para recuperar o que perdi.

Essa é a vida de um ator. Essa é a vida que escolhi para mim. Cheia de dúvidas e poucas certezas.



## Capítulo II

### O Esquisito do Rio Comprido

*Eu nasci na Usina, na Ordem Terceira da Penitência, mas fui criado na Rua Evaristo da Veiga, no centro. Vovô e vovó, imigrantes portugueses, geriam o botequim A Capelinha e todos morávamos no sobrado. Então quando me perguntam, pra encurtar a conversa vou dizendo logo que nasci na Lapa e que ser mais da gema é impossível. Nossa casa foi demolida para abrirem as Avenidas Chile e República do Paraguai, e ficava mais ou menos em frente ao que é hoje o Circo Voador, do lado de cá dos Arcos da Lapa. (postado no dia 25 de outubro de 2004)*

21

Nasci no dia de São Pedro e São Paulo – 29 de junho de 1948. Daí o meu nome: Pedro Paulo. Meus avós maternos, Antônio e Maria dos Prazeres, vieram de Portugal, desceram em Santos, ficaram um tempo em São Paulo, onde nasceram suas duas filhas. Depois vieram para o Rio de Janeiro e se instalaram na Lapa. Meu pai, Lélío, era fazendeiro lá para os lados de Vassouras. Minha mãe, Alzira, conheceu-o em uma de suas férias. Os dois se apaixonaram, se casaram e ele veio morar no Rio. Isso deve ter-lhe custado muito. Ele era um homem do campo, que jamais se

adaptou à cidade e, principalmente no final da vida, ele se sentia deprimido. Mamãe sempre foi o temperamento forte da casa: tinha maior escolaridade do que meu pai, ganhava mais e tinha uma ascendência enorme. Talvez isso tenha ajudado a tornar meu pai uma figura deprimida. Na fazenda, ele era o rei do gado. Na Lapa, se sentia fora de seu ambiente e submetido a uma mulher forte, poderosa, mais dotada do que ele.

22 Sou filho único. *Se temos pouco, vamos dar o melhor para um só* – diziam. As pessoas costumam falar que os filhos únicos são egoístas. Não são, não. Eles não têm é com quem dividir as culpas. Durante uma certa época – e tenho certeza que era para meu bem, mas... – eles diziam que eu tinha um irmão, Joãozinho, que era um filho perfeito, tinha uma letra maravilhosa, só tirava 100. Por mais que competisse, nunca suplantava o Joãozinho. Ele jamais aparecia, mas acho que acreditei nele tanto tempo quanto acreditei em Papai Noel. Sei, porém, que meus pais sempre me amaram muito e me proporcionaram o melhor que uma família de classe média dos anos 50/60 poderia proporcionar.

Na minha casa, quando o pau tinha que cantar, cantava. E cantava com regularidade. Era uma criação dos anos 50. Não havia violência de tirar sangue, mas disciplina. Eu levava uns corretivos,

a maioria das vezes dados pela minha mãe. Meu pai só me bateu uma vez, quando fugi de casa aos 7 anos. A empregada da nossa casa me obrigou a comer abóbora e achei que aquilo era o limite. Nada mais importaria depois daquilo. Coloquei na minha lancheira uma faca, uma laranja, uma banana e uma cueca. E fui embora: passei pela Rua das Marrecas e perguntei se podia ficar no hotel. O homem disse, é claro, que não. Tentei entrar no cinema Plaza para ver um filme da Lucille Ball, mas também não deixaram. Fui até o aeroporto decidido a entrar em um avião, até que um piloto me perguntou onde estava indo: *Eu quero pegar um avião para ir para Maracangalha*. Ele me levou para casa e meu pai me bateu. E pela primeira vez o vi chorar quando contei que havia dito, na tentativa de entrar no cinema, que não tinha nem pai e nem mãe. Convenhamos, Joãozinho jamais faria uma coisa dessas!

23

Morávamos todos na mesma casa. Meu avô era meio ausente, sempre trabalhando, tenho poucas lembranças dele. A única cena que me lembro perfeitamente bem, e me marcou demais, foi vê-lo agonizando na cama. De fato, a única lembrança que tenho dele é da sua morte. Minha avó era um amor, uma camponesa da Serra da Estrela, analfabeta – minha família detesta

quando conto isso – porque as mulheres daquela época não eram criadas para escrever ou ler poemas, mas sim para trabalhar na terra e criar os filhos. Ela me adorava e eu era o neto predileto entre os três que teve, contando com os dois filhos de minha tia. Ela me acarinhava muito, fazia todas as minhas vontades. A família do meu pai era grande, vários irmãos, mas nunca tive contato com eles. Eram pessoas de mais dinheiro, e como a gente era uma família remediada, de classe média, aquilo era um pouco atemorizante.

Minha mãe era funcionária pública federal e chegou a ter um cargo importante no Instituto do Açúcar e do Alcool, uma das autarquias que foram exterminadas pelo governo Collor. Em determinada época, querendo ascender profissionalmente, terminou o segundo grau, fez vestibular e cursou a Faculdade de Administração. Meu pai era funcionário público estadual, fiscal florestal. Por muitos anos, eles lutaram com dificuldades. Meu pai fazia vários *bicos* para completar o salário: foi fiscal do Maracanã e, aos 4 anos, eu já assistia a diversos jogos de futebol e por isso virei Fluminense; trabalhou no Cinema Colonial (onde hoje é a Sala Cecília Meireles, de concertos) e, como eu não podia ir para o escritório com a mamãe, ficava assistindo a todas as sessões, enquanto o meu pai recebia os bilhetes

na entrada. Acho que a minha facilidade para línguas vem daí, porque não lia ainda as legendas e ficava lá só ouvindo, sem entender, mas de alguma maneira aquela melodia foi entrando nos meus ouvidos. Com a minha avó, via as chanchadas da Atlântida: Grande Otelo, Oscarito, Nancy Wanderley e todas aquelas mulheres lindíssimas. Meu pai foi também ascensorista da TV Rio e lá ganhei o meu primeiro salário. Ele ouviu no elevador que estavam procurando um garoto para fazer o filho no seriado *O Homem do Espaço*. Lá fui eu fazer o teste, passei e este foi o meu primeiro trabalho artístico, como dublador.

Tenho grandes recordações da Lapa. Na Rua Evaristo da Veiga, vi passar o enterro de Getúlio Vargas, de Carmen Miranda. Aos domingos, a gente ia brincar em uma vila e havia uma mulher maluca, estranhíssima, que morava num quartinho, pintava uns bonequinhos e nos punha para correr quando chegávamos em sua janela. A *maluca* era a grande Djanira. Muito antes de entrar pela primeira vez no Theatro Municipal, fui fotografado junto com meus pais por um ambulante, em frente a esta belíssima obra da *Belle Époque* carioca inspirada no prédio da Ópera de Paris. Guardo esta foto até hoje. Assim como as fotos de minha mãe fantasiada no carnaval, linda, na Lapa. Meu pai levava um caixote, subia em cima

dele para ver o desfile das Grandes Sociedades. Às vezes, precisava fugir da Polícia Especial, com seus quepes vermelhos, que metiam o cavalo em cima. Histórias da Lapa... eu adorava também as procissões da Semana Santa. Era um acontecimento! Participava de tudo. Só tenho uma enorme frustração: nunca fui anjinho. Aliás, a Semana Santa era um espetáculo. Os santos todos cobertos de roxo, missas diferentes a cada dia, música, incenso, luzes. Um enorme teatro. A Igreja sempre entendeu de espetáculo.

26

*Tínhamos parentes em Copacabana e íamos aos domingos para visitá-los e para tomar banhos de mar. A Zona Sul do Rio de Janeiro nos anos 50 era mais ou menos o que a Barra da Tijuca é hoje. Só que muito melhor, porque dava pra se ir de bonde. Bonde, alguém aí sabe o que é? Claro, Santa Teresa ainda tem bonde, mas é diferente. Também não estou falando de comboios formados para roubar e matar. Alugue e assista a um filme brasileiro urbano bem antigo e admire-se dos bondes, com os estribos apinhados de um povo moreno e esperançoso. Em nome de qual progresso acabaram com um transporte tão próprio para o nosso clima? Ele ia devagar mas chegava sempre. Não são do meu tempo, mas sei que existiram o bonde ambulância, o bonde Bombeiro. O bonde fúnebre era todo enfeitado*

*com penachos pretos, mas podia trocar seu luto por linho branco e ser usado em casamentos ou batizados. Do meu tempo, lembro do bonde Taioba, um carro fechado com bancos laterais e que levava carga e passageiros. Havia o Motorneiro, que dirigia o bonde, e o Condutor, que cobrava as passagens. Este passava com as notas de cruzeiro dobradas ao comprido e enfiadas nos dedos parecendo um leque, e trazia a outra mão cheia de moedas que ele tilintava para anunciar sua presença. Posso estar sendo traído pela minha nostalgia mas, que eu me lembre, todo mundo pagava passagem.*

*Uma anedota da época: um homem sobe apressadamente no bonde e vai sentar-se perto de uma velhinha, quando ela grita apontando para um embrulho no banco ao seu lado:*

27

*- Cuidado com os ovos! O homem percebe o pacote e senta-se um pouco afastado. Algum tempo depois a velhinha dá sinal para saltar e vai esquecendo-se de sua compra. O homem a alerta:*

*- A senhora está esquecendo os ovos.*

*Ela agradece, recolhe o embrulho e diz:*

*- Não são ovos, são pregos.*

*Agora, é verdade que bonde com chuva era muito chato. Chuva de vento então, era um desastre. Tentava-se em vão baixar umas cortinas de lona, que andavam sempre emperradas, e acabava-se ficando empapado até a medula.* (postado no dia 25 de outubro de 2004)

28 Definitivamente, eu era uma criança esquisita. Para começar, era Marlene, enquanto na minha casa todo mundo era Emilinha. Sabe a velha disputa entre as cantoras Emilinha Borba e Marlene? Pois bem, era o único marlenista da casa. Todos diziam que eu era diferente, e que, se continuasse dessa maneira, ia me dar muito mal. Precisava me corrigir – alertavam todos. E isso me causou vários problemas. Não, não era rebelde, pelo contrário. Era ensimesmado. Sempre gostei de ler e, por ter facilidade para línguas, logo comecei a pegar livros em inglês. Meus pais não cortavam, não, minha mãe até estimulava esse hábito da leitura. Isso não impedia que eles me achassem meio estranho. Depois, comecei a ler em francês, pois no admissão estudei no colégio Santo Antônio Maria Zacharias – até hoje existe e é muito bom – dos padres barnabitas e tive um ótimo professor de francês, *gay*, que fazia *performances* em suas aulas, era ótimo. Foi um presente ter tido esse professor, porque me empenhei com afinco em estudar francês.

Hoje me viro em três línguas: francês, inglês e espanhol. Italiano, dou algumas na trave, mas não me meto a falar.

Eu era, também, um ouvinte de rádio contumaz: novelas, programas musicais, Manoel Barcellos, Paulo Gracindo, Renato Murce. Descobri a música erudita no rádio, dei boas gargalhadas quando ouvi pela primeira vez aquela mulher cantando fininho e soando como se estivesse fazendo gargarejo, mas me chamou a atenção. O locutor, muito solene, quase amedrontador, explicava cada ária, cada cena. Eu, que já estava acostumado com as novelas de rádio, achei ópera bem bacana e, apesar de não entender direito o que estava sendo cantado/contado, aquilo me soava muito mais impressionante que *O Direito de Nascer*. Depois, meio por esnobismo, para me gabar para os meus primos e para me valorizar aos olhos da família, e também por curiosidade mesmo, passei a sintonizar a programação de música clássica. Só precisava driblar a vigilância em casa, porque aquelas obras só iam ao ar tarde da noite.

29

Acho que me senti esquisito, estranho, até começar a fazer teatro. E isso só foi possível porque em determinado momento da minha vida, minha família se mudou para o Rio Comprido. Se me mudasse para outro lugar, não estaria hoje aqui

contando a minha vida. Meu pai escolhia lugares mais longe e, por isso, mais baratos. Por influência da minha mãe, acabamos no Rio Comprido, um bairro que não era tão nobre quanto a Tijuca, mas não tão pobre quanto o Catumbi. Eu tinha 11 anos e o Rio Comprido era uma delícia: não existiam o Túnel Rebouças e o Elevado Paulo de Frontin. Foi no Rio Comprido que aprendi a soltar balão, jogar bolinha de gude e passei a ter amizades de rua, o que não acontecia na Lapa.

Moramos em dois lugares lá: o primeiro era um apartamento no alto de uma ladeira, no terceiro andar, sem elevador. Eram dois apartamentos por andar. Nos fundos morava o Seu Zeli, casado, com três filhas, que fazia teatro amador. Foi por intermédio dele e de sua mulher, que era ponto, que tomei conhecimento de algo que nem sabia que existia: o teatro. Entrei para sócio do Clube Minerva e comecei a me meter no teatro amador. Naquela época, os papéis de criança eram feitos por mulheres e eu não podia subir no palco. Virei aquele menino chato que estava sempre por ali e servia para segurar uma escada, pintar uma porta. Até que não agüentei mais e escrevi uma peça só com adolescentes. Para mim e para outros meninos e meninas que queriam trabalhar e não tinham papel. Na peça havia somente um adulto, e todo o restante era ado-

lescente. Chamava-se *Quando os Pais Entram de Férias*. Na verdade, o texto era uma compilação dos melhores momentos de todas as peças que tinha assistido naquele teatro. Peguei o melhor e escrevi a minha, embora só tenha descoberto muito tempo depois. O pessoal do clube resolveu deixar *as crianças fazerem essa brincadeira* em um dia da semana. Foi um sucesso. Recebemos convites para apresentar a peça em vários clubes, tudo de graça. Tenho até hoje as cartas de agradecimento. Meu pai e minha mãe, nessa época, começaram a ficar preocupados. *Além de esquisito, ele ainda vai fazer teatro?*

Depois dessa peça, tentei escrever outra, mas não deu certo. Esse mesmo vizinho me levou pra fazer uma peça infantil, no Teatro Santa Terezinha, palco que ficava atrás da Igreja, bem na entrada do Túnel Novo. A peça era *O Bruxo e a Rainha*, e entrei para substituir o ator que fazia o príncipe. Era 1964. Foi quando conheci o Marco Nanini. Ele lia as epístolas na missa, era esquisitíssimo, interpretava as epístolas com um ardor inacreditável. O pai dele era gerente de um hotel no Flamengo, ele morava lá. Ficamos amicíssimos e descobrimos que, na praia do Flamengo, havia uma escola de teatro – no prédio antigo da UNE, que foi incendiado e depois demolido – e resolvemos fazer o vestibular.

O sonho do meu pai e da minha mãe é que eu fosse oficial de Marinha, funcionário do Banco do Brasil, uma coisa segura, para sempre. Estudava no Colégio Lafayette e, por causa da escola de teatro, comecei a faltar às aulas, até que decidi trancar a matrícula, para desespero da minha família. Meu pai, percebendo que eu me tornava cada vez mais esquisito, achou por bem que devia servir ao Exército, que iria dar um jeito em mim. O Walter Marins, que era da nossa turma de teatro, conseguiu que eu fosse contingente: ficaria três meses na tropa, em Deodoro, quebrando pedra, e depois seria transferido para o Ministério da Guerra numa função burocrática. Foi assim que sobrevivi ao Exército. E também porque o meu sargento era o Martinho da Vila, que me deixava chegar mais tarde e me liberava mais cedo para eu ir para a escola. Ele me mostrou a primeira música que inscreveu em um festival, acho que se chamava *Menina Moça*. Sem dúvida, a melhor coisa do Exército foi o Martinho da Vila.

Na escola de teatro, encontrei pessoas tão esquisitas quanto eu. Até então, não tinha muita definição de mim mesmo como ser humano, sexual, não sabia nada de mim.

E o Rio Comprido?

Fez parte da minha vida por quarenta anos. Durante muitos anos morei lá com a minha avó, minha mãe e minha tia, todas viúvas. Minha avó morreu, comprei um apartamento em Copacabana e mandei as viúvas para lá. E fui ficando no Rio Comprido por inércia. Era um apartamento enorme, vazio, e ficava somente em um quarto, com a minha escrivaninha, o computador e a cama. Do lado, surgiu um depósito de um supermercado, que começou a juntar ratos, eles começaram a invadir o prédio e fui fechando as portas. Fiquei ilhado pelos ratos. Meu terapeuta se fez nessa época. Não me mudava por preguiça, pelo trabalho que ia dar, e nem gostava mais do lugar, pagode todos os dias, tiroteio, porque, embora não estivesse na linha de fogo, estava cercado de morros. A minha empregada, inclusive, foi alugar um barraco na favela e me avisou que só conseguiria se eu fosse conversar com o chefe do tráfico. Aí fui. Era um amigo de infância, uma pessoa que estava completamente diferente da imagem que tinha dele adolescente. Ficamos conversando, ele me ofereceu uma cerveja, eu completamente sem graça, sem saber o que dizer. Perguntei se era ele que dominava. *Não, é meu neto*. Uma dinastia, veja só. Enfim, não tinha nada a ver mais com o Rio Comprido. Um dia, conversando com um amigo sobre os ratos, ele me disse que eu precisava me mudar para o

apartamento dele, pois ele iria morar em outro no mesmo prédio. E assim, pá pum, me mudei para Copacabana, para a Avenida Atlântica, de frente para o mar.

*Eu vim morar aqui no apartamento 42 (você leu certo, é assim mesmo, parecendo endereço de paulista) do edifício 1866 da Avenida Atlântica por artimanhas de Carlos Alberto Lins de Albuquerque – o Cao – que, além de morador do 102, é figurinista de sucesso no teatro, no cinema e na televisão. Claro que você o conhece e acompanha há anos o trabalho dele, por exemplo, nos antigos programas Armação Ilimitada e TV Pirata, ou hoje na série A Grande Família. Cao me trouxe para cá quando eu tentava fugir das balas perdidas – e das certeiras também – cruzadas entre as favelas Falet, Querosene, Mineira, Turano, Babilônia, Escondidinho, Coroa, Rato e São Carlos. As sofridas comunidades desses morros, assim como toda a população moradora dos outrora tranquilos bairros de Catumbi e Rio Comprido, são castigadas há anos pela disputa assassina entre facções criminosas inimigas.*

*Além do Cao, são ou foram moradores: a atriz Leina Krespi; a mãe da cantora Marina; a tia do ator Marco Nanini; o joalheiro Ricardo Filgueiras; o cantor Eduardo Dusek e o diplomata e dramaturgo Chico Azevedo. Os atores Diogo Vilela e*

*Rodolfo Bottino. A Secretária de Turismo e Cultura do Município e irmã do prefeito, Ana Maria Maia. E reinando hierática na cobertura do décimo terceiro andar, a promoter Ana Maria Tornaghi.*

*Temos também, é claro, nossos mortos ilustres: o estilista e idealizador do Fashion Rio, Giorgio Knapp; e o figurinista Billy Acioly, que foi carnavalesco juntamente com Fernando Pinto no Império Serrano, e criador da ala Os Brutos Também Amam, na Mocidade Independente de Padre Miguel.*

*Durante uma certa época, o apartamento 71 foi alugado por vários travestis. Foi daí que, como contou a jornalista Elizabete Orsini numa matéria para o Caderno Ela do jornal O Globo, a Prédia ganhou seu apelido. É voz corrente que um ou outro travesti não incomoda muita gente... Tanto que elas eram admiradas dando pinta – produzidíssimas e montadésimas – no hall. Mas dez travestis incomodam bastante, quando, por exemplo, alguma moradora velhinha as encontrava às sete da manhã no elevador, com a maquiagem toda borrada e tentando levantar com uma colher de sopa o silicone dos zigomas... Ui, que meda!*

*Mas o que Beth Orsini não contou – talvez porque não soubesse ou porque algumas personagens ainda estejam vivas – foi que a Prédia poderia ter conquistado seu apelido ainda na década de 30,*

*quando o amor entre iguais não ousava mesmo dizer seu nome.*

*Sexo! Ambição! Intriga! Mistério! Exotismo!*

*Quem sabe eu não inauguro o post Folhetim, em capítulos?*

*Ou então conto a história para Glória Perez que, sem dúvida, escreveria uma minissérie fantástica... (postado no dia 12 de janeiro de 2005)*

36

Eu, que arrumei o meu apartamento como se fosse morar a vida inteira nele, vou ter que me mudar. Agora, que me acostumei com o mar, não saio de Copacabana. Quero continuar por aqui, perto da piscina do Copacabana Palace, onde aprendi a nadar aos 50 anos. Só vou precisar vencer o medo do futuro, do destino, o fado – fado quer dizer decreto do destino, vaticínio, está lá no dicionário e todo português tem muito medo dele, fui criado assim – e conseguir comprar a crédito pela primeira vez na minha vida, aos 56 anos.

*Existem praias tão lindas, cheias de luz.  
Nenhuma tem o encanto que tu possuis.  
Tuas areias,  
Teu céu tão lindo,  
Tuas sereias,*

*Sempre sorrindo!*

*Copacabana, princesinha do mar,  
Pelas manhãs  
Tu és a vida a cantar.  
E na tardinha o sol poente  
Deixa sempre uma saudade  
Na gente.*

*Copacabana o mar, eterno cantor  
Ao te beijar,  
Ficou perdido de amor.  
E hoje vive a murmurar:  
Só a ti Copacabana,  
Eu hei de amar!*

37

*Linda a letra do Braguinha! Quando ele escreveu isso, a Avenida Atlântica tinha muitas casas e ainda não tinha nem quiosque e nem arrastão. Cresci ouvindo o Dick Farney cantar esta música no rádio. (postado no dia 25 de outubro de 2004)*

A Lapa, o Rio Comprido permanecerão sempre na minha memória de carioca.



## Capítulo III

### A Meta e o Alvo

*Mestre Jansen, um velhinho franzino e muito gentil, foi meu professor de maquiagem na escola de teatro, e eu uso até hoje vários recursos que aprendi com ele, como por exemplo, colocar um pontinho vermelho no canto interno de cada olho. Naquela época não existiam coisas como próteses ou máscaras de látex. Tudo era desenhado no rosto. As rugas e outros detalhes do envelhecimento, eram feitos a lápis ou a pincel e exigiam delicadeza e bom senso, para não transformar os rostos em mapas-múndi de sujeira. No primeiro ano do Curso de Interpretação, os alunos maquiavam-se uns aos outros, e os resultados podiam ser bastante desastrosos. (postado no dia 15 de agosto de 2004)*

39

Entrei na escola de teatro em 1966. O curso não era universitário na época, equivalia ao segundo grau. Antes fiz um cursinho preparatório para o vestibular e já comecei a conhecer meus colegas: Luiz Armando Queiroz, Augusto Olímpio, Jorge Cândido, Carlos Gregório, Ângela Vasconcellos, Neide Nazaré, que virou cantora folclórica, com bastante sucesso, e vive em Paris. Nanini era o meu cúmplice na jornada. Fiz uma prova de por-

tuguês, na qual tirei 5. Na prova de interpretação, escolhi um trecho de uma peça sacra, *O Mártir do Calvário*, que passava na Semana Santa e meu vizinho sempre me levava para ver. Ele fazia o diabo, maravilhoso, tinha muitas gargalhadas. Era o que eu precisava para mostrar todo o talento que achava que tinha. Necessitava, porém, de alguém que ficasse ajoelhado em cena, um Jesus triste, sem nada dizer – só o diabo tinha falas. Perguntei a um colega, que tinha até nome artístico, Aírton Kerenski (não sei onde anda o Aírton Kerenski) que fizesse o mudo Jesus e ele topou.

40 Fiquei muito impressionado quando ele me disse que ia apresentar na prova *Os Malefícios do Tabaco*, de Tchecov. Tive certeza que ele não ia passar, afinal não sabia nem pronunciar Tchaikovsky direito! Não sei quanto ele tirou. Eu ganhei um 9, porque ninguém ganhava 10. Onde já se viu postulante a ator ganhar 10? Eu e Nanini tiramos a maior nota.

Foi magnífico entrar na escola. Tive aulas com Maria Clara Machado, que dava improvisação. Interpretação era com Sérgio Viotti e Sadi Cabral. No final do ano, o Sérgio chamava cada um para dizer se tinha talento ou não. Pois bem, ele disse que eu tinha talento, logo o Sérgio, um deus. Na hora da prova, ele lia todos os papéis e seleciona-

va quem faria os personagens. E mostrava como gostaria que fossem interpretados. Meus colegas começaram a dizer que eu estava interpretando igual ao Sérgio e que não devia fazer assim. Fui conversar com ele, que deu uma resposta definitiva: *Se você conseguir fazer igualzinho a mim, está aprovado.*

Para as aulas de expressão corporal com a Nelly Laport, ganhamos umas malhas de algodão, daquelas que faziam joelho no primeiro dia em que usávamos. Meu pai ficou preocupadíssimo ao me ver chegar com a malha em casa. *Por favor, meu filho, não faça balé clássico!*

Até hoje uso artifícios que aprendi nas aulas da Nelly, como, por exemplo, me colocar em cena de uma maneira que a figura não fique cortada. Ouço muito as pessoas comentarem que pareço mais alto em cena. Coisas que aprendi na escola.

As aulas de voz foram dadas por três professoras diferentes. No primeiro ano, era a Maria Helena Bezi, que era adepta da escola italiana, e usava bastante o diafragma; no segundo ano, Lílian Nunes, uma outra escola, mais pulmão, sem barriga; no terceiro, Glorinha Beuttenmüller, que era de outra escola ainda. Foi ótimo, aprendemos três maneiras de trabalhar a voz. Adorava em especial

a aula de maquiagem, uma coisa que me encantava desde os tempos do teatro amador.

*Pra mim é muito confortável isso de pintar uma máscara por cima do meu rosto, pois, acreditem ou não, sou tímido e me escondo atrás da máscara que pinto em mim. No início, os gregos usavam máscaras mesmo. Enormes, próprias para serem identificadas à distância.*

42

*Dependendo da expressão fixada na máscara que cada ator usava, o público já identificava que temperamento aquele personagem tinha. Quando eu comecei a fazer teatro amador, no início dos anos 60, usavam-se bastões de maquiagem nacionais, da marca Thalmagráfica. Eu os comprava numa loja que funcionava no prédio do já demolido Teatro Recreio, na Praça Tiradentes. Havia um que deixava a pele meio amarelada, e tinha escrito nele cínico; num outro, esbranquiçado, lia-se tísico. Havia ainda os bastões ingênua, o bufo e um vermelhão, o satanás. Seria ótimo se fosse assim na vida real, pois não? Você poderia identificar o caráter de uma pessoa pelo colorido das bochechas. (postado no dia 15 de agosto de 2004)*

Eu gostava de tudo na escola. Tudo era novidade, até mesmo estudar à noite. Nessa época, o Nanini morava em Paquetá, seu pai geria uma pousada

na ilha, e a última barca saía às 11 horas da noite. Nós saíamos da escola e ficávamos fazendo hora, sentados na mureta da Praia do Flamengo, em frente à escola, no número 132. O prédio havia sido incendiado durante o golpe militar de 64 e era mantido daquela maneira. Era muito bonito o teatro. Fizemos duas tragédias gregas naquela quase ruína que era o teatro. No segundo ano, fizemos, para a prova final, uma montagem do *Édipo Rei*. O Paulo Autran estava em cartaz também em *Édipo Rei* e alguém fez uma comparação que a nossa montagem era, digamos assim, menos comercial. E nós acreditamos e ficamos orgulhosíssimos. Imagina!

43

Aliás, nessa peça eu fazia o Mensageiro de Corinto, que tinha criado Édipo e mais tarde conta para Jocasta, que descobre ter dormido com o próprio filho. Dava as minhas falas e o público morria de rir. Tive certeza que havia acabado com a tragédia grega. O Roberto de Cleto, um dos meus professores, me garantiu que eu estava ótimo, que havia transcendido a tragédia, que não havia deixado de comunicar o trágico, mesmo usando a comédia. Mas não fazia de propósito. A fala era engraçada mesmo!

Em outro espetáculo, recebi uma salva de palmas em cena aberta pela primeira vez. Foi absolutamente assustador. O que fiz de errado? A escola

definitivamente me encaminhou para a profissão. Além do mais, ao fazer a escola, que era algo oficial, não marginal, praticamente obriguei meus pais a aceitarem a minha opção. Estava decidido: era um ator. E o meu caminho era o teatro.

Até hoje alguns jovens atores chegam para mim e dizem: *preciso fazer teatro*. Eles me identificam como um ator de teatro e se justificam por estar na televisão. Acho que eles devem mesmo, porque só no teatro você pode mostrar o que é realmente capaz de fazer, não tem truque, *close* no rosto, fazer mais uma vez. Não se repete até acertar.

44

Não uso um método. Na verdade estudei todos eles, mas confesso que na escola não tinha muita noção do que estava fazendo, porque tudo era muito novo para mim. Na verdade, tinha uma intuição, que fui cultivando, cultivando, até hoje. Não sou um ator stanislavskiano, porque não trabalho de dentro para fora, e sim, de fora para dentro, e, na maioria das vezes, tem funcionado. Começo com o exterior, depois encaixo os meus aspectos, vejo que coisas posso emprestar para bordar este vestido que vou usar. Quando insistem em saber que método uso, digo que é do Charles Atlas – lembra dele? – *The World's Most Perfectly Developed Man*, que ensinava a todos como ficarem fortes e musculosos. Tenho certeza que este ninguém mais usa!

A arte pertence ao mundo da incerteza, da indeterminação, da imprevisibilidade, da liberdade do paradoxo. Como diz o Gilberto Gil em sua canção *Metáfora*:

*Uma lata existe para conter algo  
Mas quando o poeta diz: 'Lata'  
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo  
Mas quando o poeta diz: 'Meta'  
Pode estar querendo dizer o inatingível*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta  
Que determine o conteúdo em sua lata  
Na lata do poeta tudo nada cabe  
Pois ao poeta cabe fazer  
Com que na lata venha caber  
O incabível*

45

*Deixe a meta do poeta, não discuta  
Deixe a sua meta fora da disputa  
Meta dentro e fora, lata absoluta  
Deixe-a simplesmente metáfora.*

Assim é também o teatro. Não é preciso entendê-lo. Aproveite e sinta. É tudo isso que me faz amar o teatro.



## Capítulo IV

### De Vibrador a Representativo

*Adoro o ritual diário que uma temporada teatral me proporciona. Sempre que posso, chego uma hora e meia ou duas antes do horário de início do espetáculo. Converso com os técnicos e funcionários; confiro meu material de contra-regra e dou umas andadas pelo palco, aquecendo a voz. Fico lá sentado, olhando a platéia vazia, o que me proporciona uma sensação de paz e relaxamento muito grandes. Procópio Ferreira, um dos maiores atores brasileiros e pai da nossa Bibi Ferreira, escreveu num de seus livros: Um teatro vazio me dá a impressão de que a vida foi ontem.*

47

*É uma bela frase, com certeza, mas não concordo inteiramente com ela. Vejo muita beleza num teatro vazio. Principalmente nos teatros antigos das capitais brasileiras, com seus altos urdimentos e a velha cordoaria pendendo das varandas. Rompimentos, pernas, bambolinas, gambiarras e tangões. Alçapões, fugas, quarteladas. Uma nomenclatura tão antiga quanto deliciosa! Não fazem mais teatros assim. Hoje se constroem umas caixas de cimento armado apertadas, frias e sem mistério. Paciência, temos que conviver com elas. (postado no dia 15 de agosto de 2004)*

A transição de aluno a profissional foi indolor. Digamos que a minha estréia foi um êxtase: *Roda Viva*, escrita por Chico Buarque de Hollanda, dirigida pelo mais criativo de todos os diretores, José Celso Martinez Corrêa – que havia ganhado todos os prêmios por seu trabalho anterior, *O Rei da Vela* – ao lado de Marieta Severo, o Rato de *O Sheik de Agadir*. O que poderia querer mais, aos 19 anos, recém-saído da escola e do exército?

48

*Roda Viva* foi rotulada como teatro de agressão. Falava-se mais da agressão do que ela realmente existia. Nós tocávamos as pessoas, até sacudíamos, gritando *comprem, comprem*, mas ninguém jogava fígado em ninguém. Até existia o fígado, com que nós comungávamos, como se fosse uma hóstia. O fígado ficava ali, no palco, às vezes não estava fresco, fedia um pouco, mas nada mais do que isso. Aliás, no ensaio, quando o Zé Celso mandou que nós comungássemos e comêssemos o fígado, ameacei sair do espetáculo, até que ele explicasse que era uma metáfora, não precisava comer de verdade. Ah, bom!

Fiz a peça no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e São Paulo, onde aconteceu o primeiro ataque do CCC – Comando de Caça aos Comunistas – que invadiu o teatro quebrando os equipamentos e batendo nos atores. Na peça, eu fazia parte do lúmpen, do coro, era um dos vibradores, para

usar uma expressão que se usa no exército. Na linha de frente, estavam Marieta, Antônio Pedro, Paulo César Pereio, Heleno Prestes e o Flávio São Tiago, que só entrava no meio do espetáculo. Pois bem, depois do ataque do CCC, o Flávio não apareceu. O Antônio Pedro, que era assistente de direção, mandou que colocasse a roupa e entrasse no palco. Uau! Dentre todos do coro, eu havia sido escolhido – que sensação maravilhosa! Assim ganhei o meu primeiro papel.

O mais engraçado é que todos nós do coro adorávamos imitar o Flávio. Entrei no palco maquiado, falando que nem o Flávio e ninguém sabia que era eu. Dois dias depois, um amigo comentou que eu era a melhor pessoa no coro. *Como coro? Sou o Anjo!* Ele também não havia percebido e achei que era hora de fazer diferente.

49

*Roda Viva* acabou por causa do segundo ataque do CCC, dessa vez em Porto Alegre. Na véspera da estréia do espetáculo, panfletos distribuídos pela cidade diziam: *Hoje a integridade física e moral dos atores está garantida, mas amanhã...* No dia seguinte, os atores foram cercados e brutalmente espancados por cerca de duzentos desconhecidos. Ficamos todos desempregados. O Zé Celso pegou todo mundo e colocou em *Galileu Galilei*. Aconteceu a mesma coisa. Antônio Pedro teve que sair para fazer um filme

e fui para o elenco principal, saí do coro e mais uma vez fui para os representativos, fazendo um personagem chamado Pequeno Monge, que tinha somente uma cena, no final do primeiro ato. Ele chegava para Galileu e dizia que ele não podia insistir com a idéia que a Terra girava em torno do Sol, porque sua mãe, os camponeses, não iriam sobreviver àquilo. Como eles poderiam se levantar de manhã sabendo que o olho de Deus não estava neles? Uma cena que me arrepiava até hoje.



*Galileu Galilei*, com Cláudio Corrêa e Castro e Martha Overback



Cenas de *Galileu Galilei*



Em cena em *Galileu Galilei*

Nunca tive muita intimidade com Zé Celso, ele me atemorizava muito intelectualmente. Acho, porém, que ele é um dos maiores diretores brasileiros e sempre o respeitei, embora não tenha continuado no Teatro Oficina. Saí do grupo para participar da montagem de *Romeu e Julieta*, dirigida pelo Jô Soares.

Foi um fracasso embandeirado. Era uma produção da Ruth Escobar, com a Regina Duarte, que não era a namoradinha do Brasil, mas já era uma estrela nas novelas.

Duas semanas antes da estréia da peça, entrou em cartaz o filme do Franco Zeffirelli, um estouro



Em cena de *Romeu e Julieta*



*Romeu e Julieta*

mundial. As comparações foram inevitáveis. Eu, que havia abandonado a vanguarda, sido cooptado pelo sistema, me dei muito mal. O grande saldo positivo foi ter conhecido o Jô, com quem comecei a trabalhar como assistente de direção. Foi um enorme aprendizado, cada hora com ele era uma aula e trabalhar com ele se tornou, sem dúvida, uma das grandes experiências da minha vida, fundamental na minha formação. Convivi com o Jô quase 24 horas por dia por cerca de um ano, pois fiz várias assistências de direção, e isso é um privilégio.

O Jô faz *performances* desde a hora que acorda. Quando ensaia uma peça, ele é capaz de fazer todos os papéis, de mostrar para o ator o que ele quer de diversas maneiras, sempre engraçadas. O Jô é também muito crítico. Eu não tenho bem a noção, mas as pessoas dizem que faço e comento o personagem ao mesmo tempo. Se isso é verdade, com certeza veio da minha convivência com o Jô.

55

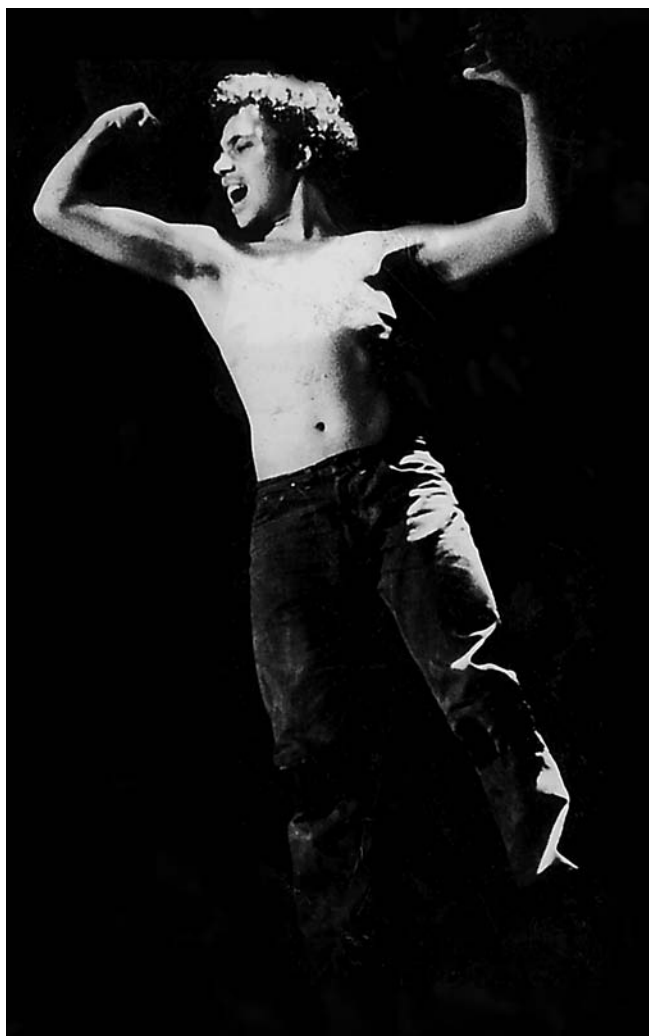
Eu estava morando em São Paulo e tudo acontecia lá, a TV, os teatros sempre cheios. Entre 1970 e 1972, fiz diversos espetáculos: *O Beijo no Asfalto* de Nelson Rodrigues, com direção de Antônio Pedro; *Jorginho, o Machão*, de Leilah Assunção, com direção de Clóvis Bueno, o meu primeiro protagonista; *Tudo no Escuro*, de Peter Schaffer,

com direção do Jô; *A Vida Escrachada* de Joana Martini & Baby Stompanato, de Bráulio Pedroso, com direção de Antônio Pedro; *As Desgraças de uma Criança*, de Martins Penna, com direção também de Antônio Pedro.

Estava apaixonado e resolvi voltar para o Rio de Janeiro. Vim com *Castro Alves Pede Passagem*,



*Jorginho, o Machão:* Cláudio Corrêa e Castro, Eleonor Bruno, Suely Franco e Maria Isabel de Lizandra



*Jorginho, o Machão*



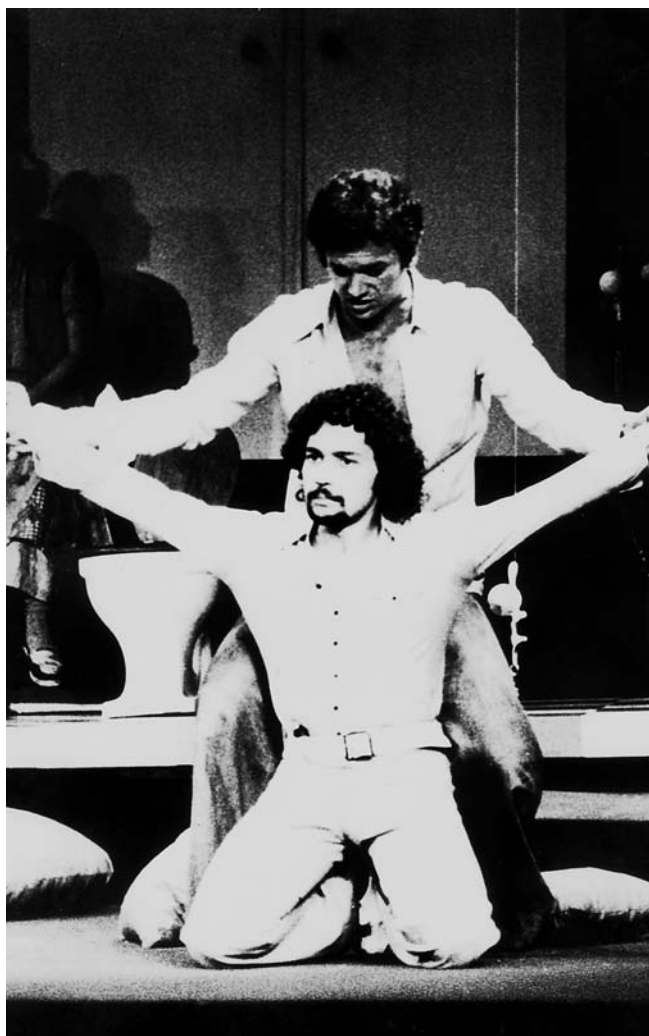
*Tudo no Escuro*: Paulo Gama, Thereza Austregésilo, Elizangela, Jô Soares, Henriqueta Briebe e Jaime Barcelos

de Gianfrancesco Guarnieri, com Zanoni Ferrite e Antonio Fagundes, uma peça lindíssima.

Depois, já havia acabado a paixão, o amor já tinha voltado para casa e fiquei desempregado por muitos meses. Já havia sido protagonista, indicado para prêmio e não arranjava nada. Foi aí que o Moacyr Deriquém, que havia me assistido em *Castro Alves*, me levou para a televisão. Ele sempre me cobrou por não dizer isso, mas sempre falei, só não era publicado. Faz-se aqui justiça! Fui fazer a novela *Bicho do Mato*, em que



*Castro Alves Pede Passagem*, com Roberto Frota e Zanoni Ferrite



*O Trágico Fim de Maria Goiabada, com Cecil Thiré*

estava também Osmar Prado. Fazer televisão era absolutamente aviltante! Sentia-me totalmente vendido. O Osmar me convidou para substituí-lo às quintas-feiras, na matinê de *O Trágico Fim de Maria Goiabada*, peça do Fernando Mello, o mesmo de *Greta Garbo, quem Diria?, Acabou no Irajá*. Aliás, esta foi a última peça que a Darlene Glória fez antes de virar crente. Ela era uma força no palco, totalmente intuitiva, se debatendo com as crises que estava vivendo e a faziam sofrer demais. Era maravilhoso estar em cena com ela.

Imagine, depois de meses desempregado, o único trabalho que consegui no teatro foi de substituto nas matinês. Estava triste, muito triste mesmo, vendido. É quase emblemático da profissão de ator: já havia sido protagonista de peças, indicado para prêmios e precisava começar do zero. Nesta entressafra, tempo de vacas magérrimas, fiz outra substituição, mais uma vez do Osmar Prado, em uma remontagem de *Feira do Adulterio*, no Teatro Serrador, no centro da cidade. O diretor jamais apareceu para me dirigir, foi o produtor mesmo que me ensaiou e eu ficava constrangido nesse espetáculo. A Suely Franco, que era minha companheira de elenco, vivia me dando *johrei*. Num dos textos, eu era caso do Carvalhinho e ficava de sunga em um canto do



*Em A Teoria na Prática é Outra*



Em cena com Lúcia Alves

palco, enquanto ele dizia coisas absurdas para mim. Um improviso só. E eu, cada vez mais deprimido, deprimido, deprimido.

Antônio Pedro apareceu novamente na minha vida. Foi ele que me convidou para fazer *A Teoria na Prática é Outra*, que era uma produção do Armindo Blanco e do Rodrigo Faria Lima. Era um personagem maravilhoso, um coadjuvante, mas que roubava a peça.

Ganhei um prêmio revelação por essa peça. Se bem que já era revelação há muito tempo!

Assim como Jô, o Antônio Pedro é responsável pela formação da minha *persona* teatral, do meu caráter como ator. Com Antônio Pedro aprendi a liberdade de experimentar. Ele é bem diferente de diretores que usam a criatividade do ator para a criatividade deles. Ele dá o mote e o ator desenvolve, com uma liberdade total de criação. Além disso, é uma pessoa informada, conhece muita coisa, fala com a maior propriedade sobre qualquer assunto e se torna enriquecedor trabalhar ao seu lado.

Em *Oh Carol!*, de José Antônio de Souza, mais uma vez fui assistente do Jô. Não foi sucesso, embora no elenco estivessem duas personalidades fortíssimas: Tereza Rachel e Sandra Bréa. A peça foi montada no Teatro Mesbla, que era bastante identificado com comédias de *boulevard*, porque ficara muitos anos com as companhias de Daisy Lúcidí e depois do André Villon. O público estava acostumado com outro tipo de teatro, algo mais digestivo – a peça do José Antônio era meio estranha – e não gostou. Para mim, foi uma boa experiência, cheguei até a ganhar um prêmio do elenco como um bom ponto. Eu sabia *pontar* bem demais. O que é *pontar*? Ora, quando o assistente diz o texto certo, no momento exato que o ator esqueceu. Pontar vem de apontar, porque você precisa estar com



Com Tereza Rachel, em *Oh, Carol!*

um olho no ator e também seguir o texto com o dedo, apontando-o, para interferir na hora certa, sem se perder.

Hoje se usa *pontar* somente em ensaios. No passado, porém, os grandes atores não deco-  
ravam, era o ponto que dava o texto para eles.  
É fácil explicar, as peças eram encenadas uma  
atrás da outra, cada uma ficava pouco tempo em



Com Sandra Bréa e Tereza Rachel



cartaz, o que tornava impossível decorar todos os textos.

Conforme a carreira das peças se alongava, aquela caixa na boca do palco com uma pessoa dentro foi se tornando obsoleta. Hoje, se necessário, usa-se o ponto eletrônico. Mas continuo muito exigente com quem faz a *pontagem* nos ensaios. Afinal, fui premiado!

68

*Lúcia Elétrica de Oliveira* foi a minha primeira experiência em direção de teatro. Fiquei traumatizado. Era uma peça infantil e por ela fui indicado para prêmios como ator e diretor. Com certeza, porém, gostei mais da experiência em outro infantil: *Os Saltimbancos*, adaptação de Chico Buarque de Hollanda do texto de Sérgio Bardotti, com direção de Antônio Pedro. Foi uma loucura, o disco era um sucesso e as crianças urravam, cantavam tudo no Canecão, onde foi apresentada.

Entre os dois infantis, fiz *O Palácio do Tango*, com o André Valli, no Museu de Arte Moderna. Era muito comum encenarem peças lá. Não dava certo. Era loooonge, muito loooonge, errrrrrmo, ninguém ia lá.

Além do mais, ninguém entendia a peça, a gente fazia uma força danada, mas o público ficava com



*Lúcia Elétrica de Oliveira*



Com André Valli, em cenas de *Palácio do Tango*

aquela carinha, querendo entender, mas nada! O André era apaixonado pela peça, queria que eu dirigisse, não aceitei. Ele conseguiu o dinheiro para montar o espetáculo, mas todos os atores que foram ensaiar, acabaram abandonando. Fui pelo amigo, por culpa, mas não deu certo mesmo. Outro fracasso no meu currículo.

Gracindo Jr., um amigo que sempre está próximo quando você precisa dele, me convidou para fazer *A Longa Noite de Cristal*. Aliás, eu o procurei quando soube que estava produzindo e dirigindo uma peça e ele me deu um presente. A



*Palácio...*

peça do Vianinha era linda, teve problemas com a Censura, e contava a trajetória de um repórter de TV, decadente, bêbado, querendo se agarrar como podia no final de carreira. Era uma crítica ao poder da televisão. Oswaldo Loureiro interpretava muito bem o personagem. Eu era o seu filho e fazia uma cena bonita: ele, bêbado, me acordava e dançávamos uma música do Glenn Miller. Ganhei um prêmio do jornal *Correio de Copacabana*.

Desconfio que era um jornal gay, que se empolgou com essa cena, que eu fazia de cueca. Era uma peça bem moderna para a época, que mos-

trava vídeos, câmeras funcionando de verdade, com as imagens mostradas em um telão, projeção de fotos – inclusive a minha, ainda criança, como mascote do Fluminense, o que muito me agradava.

Depois disso, as vacas começaram a emagrecer de novo. Decidi voltar para São Paulo, onde havia sido tão feliz. Liguei para o Jorge Takla e ele me mandou ir para lá. Ele estava produzindo e dirigindo a montagem paulista de *A Fila*, que, infelizmente ele resolveu chamar de *O Primeiro*. A peça era sobre uma fila, não se sabe de quê, em que todos os personagens querem ser o primeiro. Tinha um casal: a Cláudia Mello era a esposa e eu, o marido; um jovem maluco, feito pelo Marcus Alvisi; um operário, o Carlos Koppa e um jogador de golfe, o Linneu Dias. Também não foi um sucesso. Era num local meio inacessível. Inacessível nada! Era na 13 de Maio, só que do outro lado da Brigadeiro Luiz Antônio. De um lado estava a Broadway; do outro, onde estávamos, era o Bronx. Ninguém ia lá!

*Não são muitas as pessoas que compreendem quando lhes é dito que, no teatro, não é igual todos os dias. Não precisar ser igual – mais do que isso – quase obrigar-se a um exercício diário de diferenciação e busca é o que torna o trabalho fascinante e divorciado da monotonia. Eventual-*

*mente também acontece de eu quebrar a cara, é claro. Afinal, o processo na origem é aparentado ao empirismo. A técnica vem depois, para ajudar a reproduzir aquilo que deu certo. E o espetáculo nunca fica pronto; ele vai tomando múltiplas formas durante a temporada. Um espectador atento, ao revê-lo percebe mudanças, mais ou menos sutis. É preciso ir devagar, com método, pois um elenco de egos indomáveis pode transformar, em poucas semanas, um espetáculo decente numa exibicionice insuportável. (postado no dia 13 de julho de 2004)*



Em *A Fila*, com Carlos Koppa, Linneu Dias, Cláudia Mello e Marcus Alvisi



## Capítulo V

### Fracassos Retumbantes, Sucessos Estonteantes

Teatro é muito vulnerável. Tem uma *tsunami* na Ásia, cai o número de espectadores. Feira da Providência – aquela tradicional feira beneficente? Casa vazia na certa. O dólar valorizou demais? Ninguém vai ao teatro. No fundo, teatro é considerado supérfluo. As pessoas preferem sentar-se em um barzinho e tomar chope do que ir ao teatro. Não sei dizer se ainda é assim, não sei mesmo, mas por bastante tempo criou-se a idéia elitista que era necessária uma certa pompa para se ir ao teatro, a roupa certa, o comportamento adequado, o que afastou as pessoas mais humildes, que nunca iam com medo de dar vexame. Outros não gostam mesmo. Homem normalmente vai carregado pela mulher, no sábado. Se existe uma platéia típica de sábado? Existe, sim. Ela gosta do espetáculo, mas não é ruidosa, é mais difícil de ser apanhada. E estréia? As pessoas querem ser vistas, falam alto, tosem e saem no meio para fazer xixi. Não vou nunca à estréia de amigos. Se pudesse, nem iria na minha. Ou seja, lidar com a platéia é sempre um desafio. Tem dias que o público faz determinado ruído numa certa hora, e, dependendo da intensidade, você

sabe que público é: *Hoje não vou precisar fazer força, graças a Deus.* Em outros: *Nossa, que estiva vai ser hoje para eles se divertirem.* Existe uma história maravilhosa do Nanini. Um dia, saindo do palco, alguém comentou com ele: *Você fez um espetáculo ruim.* Ao que ele respondeu: *Mas foram 'eles' que começaram!* Eles – o público, claro – deviam estar insuportáveis.

76

Toda essa longuíssima introdução serve somente para dizer que o teatro lida com o imponderável. E quem disser que sabe a fórmula do sucesso, mente. O que se pode fazer é seguir uma fórmula, que se acredita ser boa, se cercar muito bem e deixar o menor espaço possível para o imponderável. Não adianta ser onipotente. Falo com conhecimento. Já tive fracassos retumbantes e sucessos estonteantes.

Você conhece alguém que tenha feito um fracasso no teatro Cândido Mendes, um dos menores do Rio de Janeiro? Eu! *O Bravo Soldado Schweik* era um *remake* de um sucesso estrondoso dos anos 60, estrelado pelo Hélio Ary, que tive o privilégio de ver. Antônio Pedro fez um espetáculo delicioso, mas ninguém foi ver. Sei lá, tinha soldado, lembrava ditadura, ninguém conseguia pronunciar o nome do personagem, talvez tenha sido isso? Mas quem sabe a verdadeira razão?

Em seguida, fui fazer *A Aurora da Minha Vida*, do Naum Alves de Souza, que me deu o primeiro prêmio Molière e é até hoje o maior sucesso da minha carreira. Quando fui chamado para esta peça, me senti sendo escalado para a Seleção Brasileira. O Naum já era um grande nome, conhecido nacionalmente por causa de *Vila Sésamo* e famoso no teatro paulista – *No Natal a Gente Vem te Buscar* e *Aurora* já tinham sido um enorme sucesso em São Paulo. Na montagem carioca, só havia gente bacana: Marieta Severo, Stela Freitas, Analu Prestes, Cidinha Milan, Carlos Gregório, Mário Borges e Roberto Arduin. O espetáculo arrebentou! Lembra que falei do momento em



*O Bravo Soldado Schweik*, com Eliane Rogério, Vinícius Salvatori, Betina Vianny e Anselmo Vasconcelos

que decidi sair da televisão? Pois bem, foi nesta época. Eu recebi o *script* do *Viva o Gordo* e lá estava: Parabéns ao nosso colega Pedro Paulo Rangel por ter ganho o Prêmio Molière. Em seguida vinha a escalação, e os papéis a mim destinados: *homem 3* e *jiló*. Era hora de mudar. Mas este definitivamente é outro assunto. É bem verdade que recorrente, pois vivo falando disso, mas... Depois eu conto, em outro capítulo, tá bem?

78

O assunto agora é Naum Alves de Souza e *A Aurora da Minha Vida*. Por que fez tanto sucesso? Acho que o Naum lidou com os arquétipos. Havia, naquela sala de aula, a adiantada, a gorda, o bobo, o quieto. Todo mundo já foi daquele jeito ou conheceu alguém assim. A identificação era imediata. Além disso, havia um humor. Humor amargo, cruel, que o Naum sabe usar muito bem. Ele expôs as pessoas, desvendou seus segredos, mas com o maior carinho. Era uma peça sobre o amor.

Ficou dois anos em cartaz e seis meses viajando pelo Brasil. Nesta época, as sessões eram de terça a domingo, não esqueça! Com duas sessões na quinta, no sábado e no domingo. E não foi há muito tempo! Será? Nossa, já se passaram mais de vinte anos. Que susto! Foi há muito tempo, sim.



*A Aurora da Minha Vida*, com Marieta Severo, Roberto Arduin, Carlos Gregório, Cidinha Milan, Mário Borges, Analu Prestes e Stela Freitas



Em cena com Marieta Severo

Quando ganhei o Molière, me assustei. Não esperava. Eu já havia sido indicado para prêmios muitas vezes, mas jamais havia ganhado.

No *Bravo Soldado Schweik* não havia sido nem indicado! Comecei a achar que era pessoal. *Aí tem coisa, só pode ser comigo, o que foi que fiz, quem não cumprimentei direito?* Quando o prêmio chegou, me pegou de surpresa. Nesta época, você sabia antes, não era aquela saia justa de ficar na platéia aguardando o resultado. Quem me contou foi o Roberto de Cleto, que havia sido meu professor da escola de teatro. Gostei, claro!, mas achei estranho, porque todos no elenco



Elenco de *A Aurora da Minha Vida*



Cenas de *A Aurora da Minha Vida*

tinham papéis iguais, considereei um pouco como uma injustiça, porque havia merecido em outras vezes e não havia sido premiado. E naquela vez eu merecia tanto quanto os meus colegas. Todos faziam vários personagens. Os meus eram o professor de religião, o padre alto e magro, o diretor da escola e o aluno bobo, que entrava e saía porque era internado. Mas agradou demais, daí o prêmio.

Prêmio é bom? É ótimo! Estão todos ali em cima da escrivaninha pegando poeira. Tenho orgulho dos meus prêmios, tanto que os exibo. O Bráulio Pedroso, por exemplo, colocava seus Molières



Mais uma cena de *Aurora*...

no banheiro e fiquei espantado a primeira vez que vi. *O que será que ele quer dizer com isso?* – pensei. Você sentava no vaso sanitário e ficava olhando para dois Molières. Desde aquela época sabia que, se algum dia, ganhasse um prêmio, eles iam ficar em lugar de honra, na sala, mesmo que precisassem ser espancados. De vez em quando olho para os meus prêmios – outros vieram, é claro! – e entro em crise. *Meu Deus, quanta responsabilidade, para onde está indo a minha carreira?* Uma vez pensei em ir com meus Molières para discutir salário. *Eu até posso aceitar o que você está me oferecendo, mas eles... não!* E apontaria para

as estatuetas. É um bom número, não? Mas não tive coragem: eles são muito pesados e correria o risco que eles fossem confundidos com santos. *Que coisa estranha, este ator carregando santos para uma reunião.* Melhor não.

Voltando ao Naum: depois de *A Aurora da Minha Vida* fiz a última peça da trilogia, que começara em *No Natal – um Beijo, um Abraço e um Aperto de mão*. Era a mais amarga de todas, falava de incesto e loucura. Eu fazia um aluno que acabava se casando com a professora. Não acho que fosse papel para mim. Não me via nele, não fui feliz. A peça também não fez sucesso. Havia uma expectativa muito grande quanto ao espetáculo depois de *A Aurora da Minha Vida*, e digamos que *Um beijo* não correspondeu. E seria impossível suprir a necessidade do público. Este é mais um problema do teatro: além de corresponder às suas expectativas como criador, é necessário suprir as necessidades do público naquele momento.

Em seguida, fiz outra peça com o Naum: *El Grande de Coca-cola*, que também não foi sucesso. Era uma grande produção, mas não deu certo. Foi a segunda vez que se tentou montar a peça no Rio e nada aconteceu – em São Paulo, ela é sempre sucesso. No elenco estavam Zezé Polessa, Guida Vianna, Raul Gazolla e Diogo Vilela. Um elenco!

O público, porém, não aceitava aquela língua, oportunhol que falávamos. Ficava incomodadíssimo com aquilo. Eu adorava o espetáculo, uma burla, em que interpretava um empresário alucinado, Dom Pepe, que prometia atrações internacionais e colocava a família para se apresentar. Era um deboche! Mas o público se sentia de vez em quando burlado, como se ele fosse a platéia dos *shows*, não dava a volta na história.

Foram muitos anos com o Naum. Ele é um diretor carinhoso, lida com as emoções de uma maneira amorosa, sejam elas quais forem, pode ser até o ódio e a loucura.

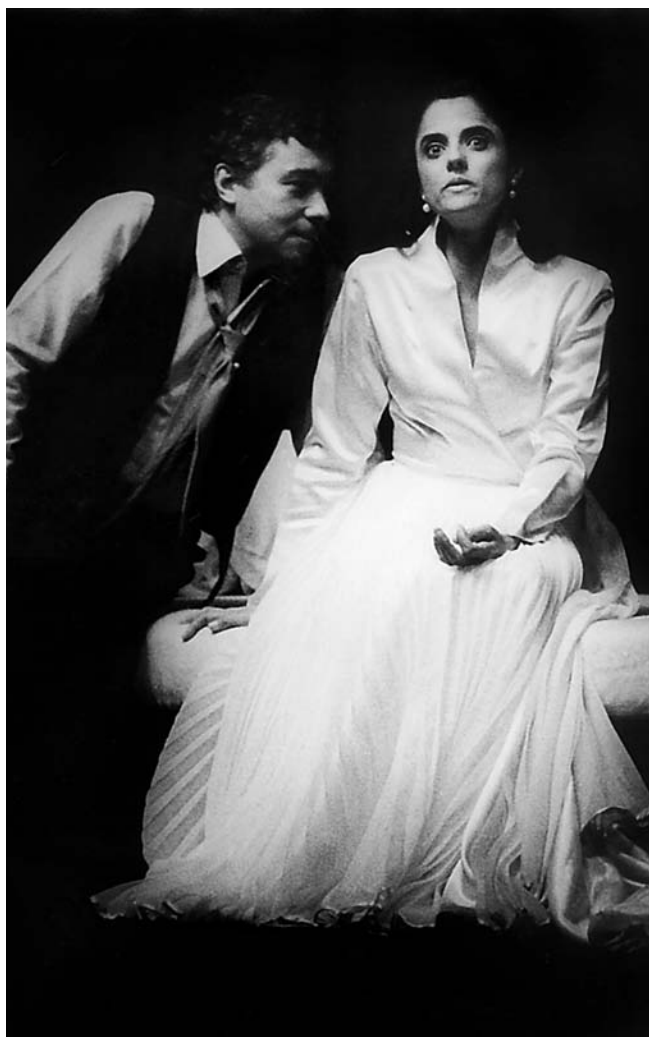
Nada do que é humano lhe é estranho. E por isso mesmo o Naum sabe lidar bem tanto com as falhas, quanto com a qualidade dos personagens. E isso vale para os personagens que escreve, que conhece mais e pode ir fundo, como também para os que simplesmente dirige. O trabalho com ele é profundo, intenso, emocionado – é uma verdadeira autópsia de sentimentos. Quando trabalhamos juntos – e retomamos a nossa parceria em *SoPPa de Letra*, de que falarei em breve, prometo – a gente se aborrece, briga, gargalha. Mas a nossa profunda intimidade permite que me abra completamente, o que nem sempre consigo com outros diretores, independente de admirá-los.



*Um Beijo, um Abraço e um Aperto de Mão, com Marieta Severo*

Quem não tem muita intimidade com o processo de trabalho teatral pode achar que é frescura, mas não é. É muito doloroso se desnudar, há que pagar um preço por ser verdadeiro – se você não é verdadeiro no palco, de alguma maneira o público desconfia – e o Naum consegue de uma forma intensa mostrar o peito dilacerado de um ator. Nossa, quanta coisa falei do Naum!

Depois da trilogia do Naum, me envolvi com outra turma maravilhosa: Maria Padilha e Luiz Antônio Martinez Corrêa em *Amor por Anexins*.



*Um Beijo, um Abraço e um Aperto de Mão*

Era uma produção bem modesta, sob o aspecto de carreira. Começamos fazendo em um bar, o *Botanic*, da mãe do Ricardo Petraglia, a famosa *Petragliona*, uma coisa meio *off*. Ao mesmo tempo, eu fazia no teatro do Hotel Copacabana Palace, *O Amante Descartável*, a última produção do Oscar Ornstein: uma peça francesa, bem *vaudeville*, com direção de João Bethencourt. Totalmente *in*. A peça foi muito sucesso, mas eu



*El Grande de Coca-Cola*, com Raul Gazolla

não estava bem na época, tinha um problema de drogas, que quase me destruiu, e me relacionava mal com as pessoas. Foi um ano somente, mas bastante barra-pesada.



*El Grande de Coca-Cola, com Diogo Vilela*

Acho que vou ter que fazer uma pausa na história da minha carreira no teatro, para falar de um assunto difícil: a adição.



*Amor por Anexins, com Maria Padilha*

## Capítulo VI

### Os Demônios

Todos temos dentro de nós os maus sentimentos. E a droga libera bichos horrorosos. Eu estava em um momento especial, era protagonista de uma peça de sucesso, em um teatro tradicional. Naquela época, consegui me indispor com todos os meus colegas de elenco – graças a Deus, hoje, voltei a ser amigo deles.

Consegui sair das drogas de um dia para o outro. O medo da morte falou mais alto. Eu sabia que estava me destruindo. A droga só durou um ano em minha vida. O ilícito sempre me apavorou muito. Já o álcool era uma droga permitida e foi um problema muito mais sério. Comecei a beber lá pelo meio dos anos 70, acho que quando os conflitos profissionais começaram a se tornar mais fortes. Era uma época mais permissiva, livre, no amor, no sexo, na vida, em tudo. Comecei a beber socialmente, mas progressivamente a minha adição tornou-me totalmente anti-social. Eu bebia só. Saía correndo do convívio dos amigos, fugia dos colegas do teatro ao final das sessões, para ir beber sozinho. Escolhia os botequins das esquinas, os pés-sujos afastados, onde me encostava no balcão, bebendo de pé. Eu dizia

para mim mesmo que eram momentos meus, em que eu pensava e elaborava. Mas era somente uma desculpa para alimentar o meu vício. E mais tarde entendi que era também uma forma de esconder de mim mesmo a decadência do meu estado de adicto, comparando-me de forma superior às outras pessoas que freqüentavam aqueles ambientes.

92

Parei com a adição ao cigarro (foram quase 35 anos!) em 1988, antes de parar com a bebida. Joguei simplesmente o maço e o isqueiro pela janela de um táxi, quando finalmente me convenci que aqueles sessenta cigarros ao dia estavam me matando, destruindo minha voz e acabando com meu fôlego. Rompi com a bebida depois, há cerca de cinco anos, quando me mudei para Copacabana. O que não faltavam eram bares e quiosques agradáveis e convidativos na orla, e decidi que não iria trazer os meus velhos hábitos do Rio Comprido para o novo bairro. Foi uma decisão bem racional. Procurei o Gracindo Jr., disse que estava mal, precisando de ajuda, e ele me apresentou à terapeuta Dora de la Servièrre, especializada em adição. A grande maioria destes conceitos sobre adictos e adição me foram passados por ela.

A adição não tem cura e não precisa estar relacionada só com drogas ou álcool. Tem a ver com

compulsão e obsessão. Em um dicionário existe a seguinte definição para adicto: *Tendência para tornar-se escravo*. Os adictos precisam tomar muito cuidado com aquilo de que venham a gostar, pois existe algo de insaciável na natureza deles. Se gostam de algo, passam a querer com frequência; em breve passam a ter necessidade daquilo e, no estágio seguinte, não vivem sem. Talvez por isso, numa das irmandades, diz-se que: *Uma dose é demais e mil não bastam*. Tudo aquilo que produz gratificação imediata é um perigo para os adictos. Esta compulsão constante para preencher o *buraco sem fundo* demonstra que é uma condição crônica. É como uma alergia: fica-se bom de um sintoma, mas existem muitos outros que podem ser desenvolvidos. Para que a recuperação aconteça, é preciso que se tenha esta compreensão, pois só assim haverá a vigilância necessária. Não tem nada a ver com *controle*. É frustrante e enganador tentar *controlar* a adição: é ela quem nos controla. Com o tempo, essa vigilância deixa de ser um alerta incômodo e passa a fazer parte do mecanismo automático de autopreservação. Como a gente diz nas reuniões: *Estarei limpo, só por hoje, com o auxílio de um Poder Superior e da minha boa vontade*.

É preciso dizer que também existe algo de revolucionário nos adictos, talvez como expressão

de uma inquietude interna. A droga, permitida ou não, além do prazer que se extrai dela, serve como símbolo de questionamento e traz alívio para a sensação de se sentir diferente.

São várias as irmandades: Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Neuróticos Anônimos, Comedores Compulsivos, Jogadores Compulsivos, entre muitas. E todas utilizam uma inestimável ferramenta para a recuperação, que são os Doze Passos.

94

Recuperação significa cessar um dia de cada vez, uma hora de cada dia, um minuto dessa hora que seja, com o comportamento autodestrutivo, e encontrar uma nova maneira de viver que vá ao encontro dos nossos verdadeiros anseios. Certas religiões acreditam que retornamos ou reencarnamos para consertar os erros de outras vidas. A recuperação é um retorno e uma reparação nesta vida mesmo. A recuperação é um processo espiritual, prático. E a única saída e o único conforto é a espiritualidade. Não tem nada a ver com religião, pois não existem dogmas. Uma boa definição desta espiritualidade é: *A qualidade do meu relacionamento com quem ou o quê, é o mais importante na minha vida.*

Como sou teimoso e perfeccionista, às vezes me pego dizendo que a qualidade dos meus relacio-

namentos não mudou tanto assim. Claro que mudou! Noto isso na maneira como as pessoas passaram a se relacionar comigo. É claro que os conflitos permanecem, mas lido com eles de outra forma. Depois de tantas cabeçadas, a gente aprende a lidar com os bichos.

Porém... estes anos de leviandades me fizeram pagar um preço. Aos 50 anos, resolvi mudar radicalmente de vida. Já tinha parado de fumar e de beber e passei então a cuidar do corpo e a me exercitar regularmente: primeiro bem de leve, com hidroginástica; depois fui aumentando a carga e hoje faço 40 minutos de esteira, 40 minutos de musculação e meia hora de natação. E... cúmulo da ironia... descobri-me fisicamente doente.

95

*... Preciso falar de um outro assunto, não muito agradável. Chama-se DPOC: doença pulmonar obstrutiva crônica, causada pelo cigarro. Esse corre-corre todo de grava programa e filma e faz teatro, agravou, e muito, aspectos da minha doença. Não é culpa de ninguém, a não ser minha, exclusiva. Fui um fumante heavy durante mais de 30 anos. Cheguei a fumar três maços de cigarro por dia. Quando bebia, fumava mais. E como estive durante alguns anos bebendo todos os dias, fumava mais do que três maços todos os dias. E em quase todas as fotos que tiraram de*

*mim naqueles anos, eu apareço sempre com um cigarro aceso entre os dedos. Aos 16 anos, nos anos 60, estudante do Instituto Lafayette, no Bar Berengo da Haddock Lobo, comecei a dar minhas primeiras tragadas num Capri. Let it be! Queimei meus alvéolos – e muito dinheiro também – na escalada Luxor, Minister, Ministração, Marlboro, Marlboro Light, Galaxy. Let it burn! Não bebo álcool há cinco anos. E não ponho um cigarro na boca desde 1998. Acordo cedo, faço ginástica, aprendi a nadar. Mas tem dias que, durante o banho, depois de esfregar um lado do corpo, preciso me apoiar nas paredes do box e fazer uma pausa para me recuperar e recobrar o fôlego para esfregar o outro lado. Tem dias que levantar da poltrona da sala e caminhar até a cozinha faz com que eu me sinta como se tivesse corrido a maratona. E tem dias que, sem motivo aparente, minha voz começa a falhar, a ficar fraca e quebradiça, até sumir de vez. Não tenho nada nas cordas vocais. Tenho, isto sim, pequenos orifícios nos pulmões (enfisemas) por onde o ar que necessito para fazer a voz soar, escapa, inexorável. Vou poupar vocês e não vou postar nenhuma foto de um pulmão preto de alcatrão e nicotina. Fica esperto, colega. (postado no dia 20 de setembro de 2004)*

Quatro anos depois de parar de fumar, comecei a ficar doente, mas só descobri exatamente o

que tinha em 2004. No começo, eu achava que era um problema na garganta, pois vivia rouco, até descobrir que tinha uma redução da minha capacidade pulmonar bastante severa. Meus alvéolos foram carbonizados pela combustão do alcatrão. E, da mesma forma como os cílios defendem os olhos, os alvéolos – que são pequenos e delicados casulos – protegem os pulmões. Não quero dar uma de coitadinho, de dodói, mas acho importante falar sobre isso. Até criei um intervalo no *SoPPa de Letra*, somente para falar sobre a DPOC. Converso com o público, explico que preciso descansar, falo do meu médico, dr. Marcelo Kalichsztein, pergunto quem fuma na plateia, conto uma piada de fumante, um *happening*. O público adora!

97

*Minha mãe – Dona Alzira, 82 anos – me telefonou e disse: Tá dando no rádio que você está doente!*

*A história da DPOC tinha corrido rápida. Também, claro, eu queria o quê? (postado no dia 5 de outubro de 2004)*

Alguns amigos me criticaram, mas senti a necessidade de fazer isso. E tomei a decisão quando o Christopher Reeve morreu – um homem que não parou de trabalhar, não se deixou abater, apesar de todos os impedimentos. Acho importante

alertar as pessoas, contando a minha história, já que é muito difícil lutar contra a indústria do cigarro, que movimenta bilhões, faço a minha parte, é só uma gotinha em um oceano.

Podemos voltar para assuntos mais amenos?  
Vamos continuar com a carreira, vamos?



*Machado em Cena*

## Capítulo VII

### Ainda o Teatro

Tenho o maior orgulho de ter inaugurado o teatro do Centro Cultural Banco do Brasil. Era uma colagem de textos do Machado de Assis, dirigida pelo Luís de Lima. E aconteceu uma coisa curiosa. Em um dos personagens que fazia, o Luís me sugeriu que eu dissesse as frases ao contrário. *Como ao contrário?* – reagi. *Você diz a frase na ordem correta e depois a repete invertendo a ordem das palavras* – ele me explicou. Até a véspera eu achava horrível aquilo, tinha certeza que não havia graça alguma e cheguei a insistir para que o Luís – que também estava no espetáculo – fizesse o personagem. Foi um sucesso estrondoso. As frases faziam sentido dos dois jeitos, inventei um gesto com a mão de ida e volta, a platéia urrava, era aplaudido em cena aberta. E acho que ganhei o Molière em *Machado em Cena – Um Sarau Carioca* por causa dele.

99

Nossa, já estamos nos anos 90. Em 1992, trabalhei com Márcio Vianna em *Circo da Solidão*.

Ele já fazia há algum tempo um estudo sobre o *Werther*, de Goethe, e não me lembro exatamente por que acabei no espetáculo. Não rolou! Era bonito visualmente, havia anjos cantando, mas o público não entendia bem. Na época, esta-

vam estourando os novos diretores: Moacyr Góes, Ulysses Cruz, Gabriel Vilella e o Márcio Vianna. Marieta Severo estava trabalhando com um deles. Eu me lembro que liguei para ela e perguntei: *Como é o seu? – Complicado*, no que concordei plenamente. *O meu também*. O espetáculo dela era esquisito. O meu também. Gostei, porém, de ter conhecido o Márcio. Pena que a gente não teve muito tempo para se relacionar. Ele morreu um tempo depois.

100 Minha peça seguinte foi *Detalhes Tão Pequenos de Nós Dois*, do Felipe Pinheiro. Eu estava completando 25 anos de carreira, entrei em crise e resolvi que era hora de fazer uma produção. Graças a Deus, era muito convidado, nem precisava produzir para mim mesmo, mas estava naquele momento em que achava que devia dar uma grande tacada, quem sabe ganhava um dinheiro bom e ficava dois anos sem trabalhar? O Felipe surgiu com a peça, a Tânia Alves era minha companheira de elenco na novela *Pedra sobre Pedra* e me disse um dia que adoraria fazer uma comédia comigo. Pronto, tudo se encaixou. Foi uma delícia fazer a peça, fizemos bastante sucesso, viajamos bastante. Mas não fiquei milionário, nem consegui ficar sem trabalhar um tempo. Além do mais, o Felipe Pinheiro morreu quando estávamos no meio da viagem, em alguma capital do Nordeste

e foi bem difícil.

E chegamos na peça *Sermão de Quarta-feira de Cinzas*, do Padre Antônio Vieira, direção de Moacir Chaves. Uma loucura. Não teve para ninguém neste ano. Ganhei quase todos os prêmios: Mambembe, Shell, Molière e Qualidade Brasil. Só faltou o Sharp, mas fui indicado.

O espetáculo era alucinante. Como tornar claro para as pessoas as palavras de Vieira? Na verdade, ele provava a assertiva – *pulvis es et in pulverem*



*Detalhes tão Pequenos de nós Dois, com Tânia Alves*

*reverteris*, és pó e em pó vos haveis de converter – de sete maneiras diferentes, mas quase com as mesmas palavras. Foi uma loucura decorar. Eu usei ponto eletrônico nas duas primeiras semanas, que me dizia o início de cada bloco, no caso de acontecer alguma coisa. E aconteceu. Logo na



Cenas de Sermão de Quarta-feira de Cinzas



Em *Sermão...*

estréia, eu comecei de uma maneira errada, fui vendo onde podia dar, comecei a improvisar, o que era uma temeridade, e, de repente, estava em um beco sem saída. O Moacir Chaves lá da cabine de luz, viu que eu estava errando, errando e se descabelou: *ai, meu Deus, o PP vai sair de cena*. E saí mesmo, mas voltei e comecei de novo aquela parte.

104

As pessoas iam ver o rapaz engraçado do *TV Pirata* e ficavam 50 minutos ouvindo-o falar da morte. Eu via na cara de algumas pessoas quanto elas estavam arrependidas de entrar naquela cilada. Comecei até a brincar com isso, depois que vi um casal cochichando no começo do espetáculo. Perguntei se eles não queriam ir embora. *Vocês já viram que esta peça não vai mudar, se quiserem sair, saiam agora, porque vai ser assim até o final*. Incorporei esta fala ao espetáculo e nunca ninguém saiu.

Está na hora de *O mercador de Veneza*? Foi uma das coisas mais terríveis que aconteceu na minha vida. É um arrependimento na minha carreira, embora tenha até ganhado um prêmio por este espetáculo. Não consegui uma intimidade artística com o Amir Haddad, que admiro muito e acho que fez um belo espetáculo. Mas me senti completamente desassistido, desprotegido, estreei mal, sem ter onde me segurar. Sabe

que o Laurence Olivier teve síndrome de pânico quando fez o Shylock? Ficou muito doente e, quando voltou ao palco, pedia para os colegas não olharem em seus olhos, mas para a sua testa, senão esquecia tudo. É uma peça terrível, o personagem tem falas lindas, Shakespeare foi generoso, mas sentia na platéia o preconceito das pessoas. Uma vez, em São Luis, aconteceu uma coisa inacreditável.

No final da peça, quando o Shylock era condenado, eu ficava um segundinho ainda em cena olhando a platéia, querendo deixar claro o que haviam feito comigo. Um dia, fiquei dois segundos e ouvi um cara da platéia gritar: *Tá olhando o quê? Vai embora. O que está fazendo ainda aí?* Fiquei arrasado. Eu sou muito dramático, exagerado. Tudo me afeta! Hoje, depois de anos de terapia – para alguma coisa tem que ter servido – eu consigo disfarçar mais. Não fica tão evidente na minha cara quanto estou arrasado.

105

*Anônima* foi outro fracasso sentido na minha carreira. Nossa, como tenho fracassos! Talvez por isso meu currículo seja tão grande. Tem que passar logo para a próxima peça, quando uma não dá certo. Bem, *Anônima* era uma peça belíssima do Wilson Sayão, o Aderbal Freire Filho fez uma direção linda, havia um trabalho fantástico



Em *O Mercador de Veneza*...



... com Maria Padilha

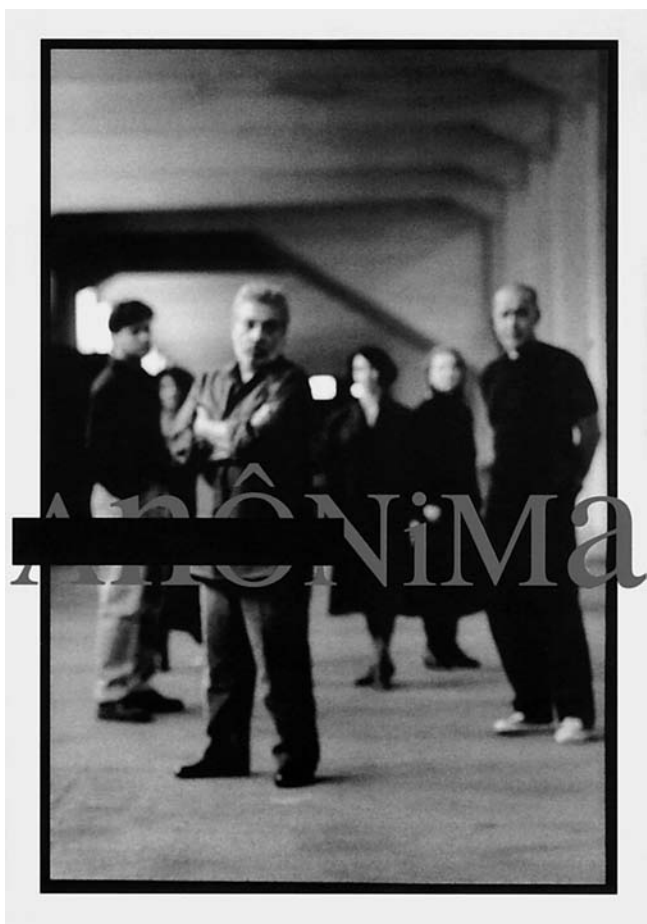
do Felipe Camargo, da Stela Freitas, da Andréia Dantas e da Sandra Barsotti, mas a classe média não estava a fim de se ver daquela maneira.

Eu fazia um chofer de táxi, casado, com dois filhos, cuja coisa mais relevante em sua biografia era ter sido amigo de infância do Vinícius de Moraes. A peça começa com ele escutando no rádio a morte do Vinícius e a partir daí ele faz um balanço de sua vida.

108 Meu trabalho seguinte foi *Arte*, uma peça que fez sucesso mundialmente e acabou a sua temporada em São Paulo melancolicamente com 30 pessoas na platéia de um teatro de 1.500 lugares. Era uma peça comercial, mas que jogava areia nos olhos do público.

Parecia que discutia coisas importantes, mas nada era aprofundado. Na verdade se discutia sobre o nada, com um senso de humor delicioso. Depois disso, fiz *O Círculo das Luzes*, do Doc Comparato, com direção de Ulysses Cruz. Era um diálogo de Molière com Racine – eu e o Thiago Lacerda.

Era produção dele, que foi muito corajoso de, aos 22 anos, entrar nesta aventura de produzir um espetáculo com elenco numeroso, cenários imensos, uma empreitada. Não se deu bem, aliás, foi malíssima a carreira da peça. Para



Em *Anônima*

mim, foi uma experiência boa demais, jamais tinha trabalhado com o Ulysses – só o conhecia de fama, aliás, merecidíssima. A minha relação com o Thiago também foi excelente, embora tenha exigido que meu nome saísse na frente nos cartazes. Achei que merecia isto, depois de tantos anos de carreira e vários prêmios, embora ele fosse o galã do momento. Posso ter causado algum mal-estar, mas não com ele, que, como disse, arriscou-se nesta empreitada. E as críticas, embora frias, reconheceram este esforço.

Agora, chegamos em *SoPPa de Letra*.

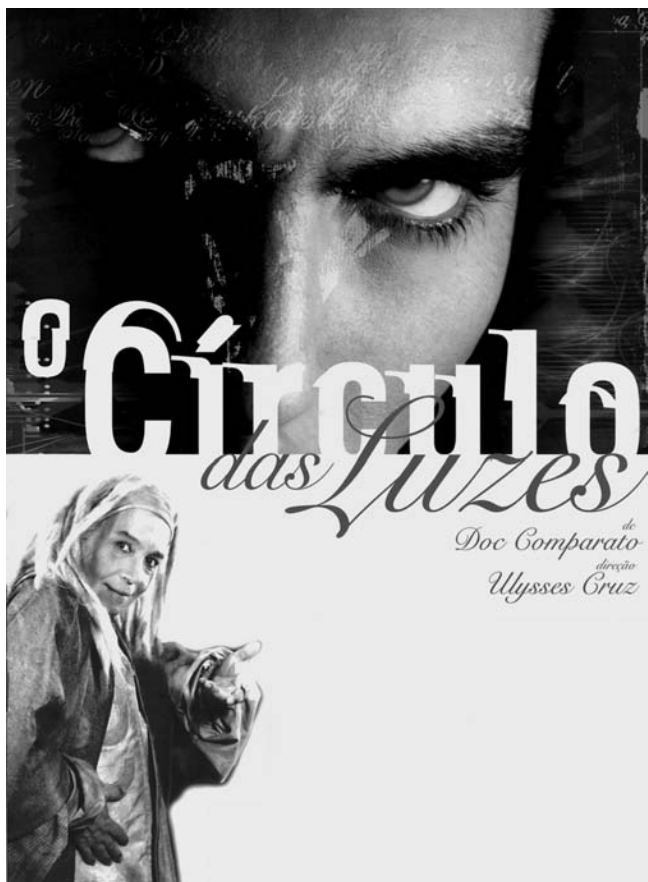


Arte, com Paulo Gorgulho e Paulo Goulart





Estudos de maquiagem para *O Círculo das Luzes*





## Capítulo VIII

### *SoPPa de Letra*

Tenho o maior orgulho de ter conseguido realizar, depois de cinco anos de amadurecimento do projeto, o *SoPPa de Letra*. Tudo começou em uma noite quando ouvi um locutor declamando a tradução da letra de uma música, daquela maneira bem cafona. Aquilo acendeu uma luz na minha cabeça. Por que não fazer um espetáculo com a música popular brasileira, tão rica de poesia? Como se passaram muitos anos até conseguir realmente *levantar* o projeto, começaram a pipocar espetáculos com a mesma idéia. Mas era a minha idéia?!?! Não foram bem-sucedidos e não eram exatamente o que gostaria de fazer. Quando finalmente começamos a trabalhar, decidi que seria *SoPPa*, com dois pês bem grandes, de Pedro Paulo. A minha idéia começava a tomar forma, virar um espetáculo. Nesta época, decidi fazer um *blog*, um diário do espetáculo, e acho que tudo que gostaria de falar sobre *SoPPa de Letra*, está lá.

115

Terça-feira, maio 25, 2004

*Ufa! Finalmente entra no ar este blog! Mais ou menos uns cinco anos me afastam daquela madrugada, quando ouvi, numa estação AM no rádio do carro, um locutor sonolento traduzindo*

Centro Cultural Justiça Federal apresenta:

**Pedro Paulo Rangel**  
em

# SÓ PPA DELE TRA



*uma balada americana que tocava ao fundo. Tem tanto tempo, que já nem tenho mais certeza se estava no carro, se era de madrugada, ou se tudo não teria sido um sonho. Continua sendo fascinante ver uma idéia tomando forma, um espetáculo ficando em pé. É claro que não dá para esquecer a série de não afirmativos; a profusão de veementes promessas de apoio descumpridas; as crises de insegurança advindas disso; teatros que perdi, equipes que se desmancharam, idéias que se foram; e adiar, adiar mais uma vez, mais de uma vez...*

*É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar; e também da cara feliz dos amigos quando eu declamava pra eles Incompatibilidade de Gênios ou Ensaboa, e eles me estimulando e apoiando. Guida Viana, Mário Borges, João Brândão. E Marcos Leite, claro.*

117

*Naum foi, mas voltou, graças a Deus! De Bonis trabalha muito, mas esteve sempre por perto. André Paes Leme fez um estágio de almoxarife, benza-o Deus! Louise Cardoso me apresentou a Bianca De Felippes. O maestro Roberto Gnattali me abriu seus braços, e... a partir do dia 24 de junho, saberemos todos – e eu me incluo – como é que a banda toca...*

*Aqui neste espaço, com a periodicidade possível,*

*eu e toda a equipe vamos tentar contar como a SoPPa se faz. Ou seja, vamos dar uma canja.*

Sexta-feira, maio 28, 2004

*O primeiro encontro com Naum para trabalharmos no roteiro foi em 13 de abril, no Hotel Blue Tree Towers da Paulista. Muito confortável e num ponto ótimo. Da minha varanda, dava pra ver o MASP. Nesse dia praticamente só conversamos e rimos e falamos bem e mal dos ausentes. O chocolate que pedimos veio grosso e saboroso, e aqueceu nossa tarde gris. Mas ainda não encontrei em São Paulo um lugar que saiba fazer um*



Com Naum Alves de Souza

*sucedâneo aceitável da torrada Petrópolis. No dia seguinte e por três semanas consecutivas, de terça a sexta, nos reuniríamos no apartamento do Naum no Jardim América. Um loft repleto de livros de arte, CDs e gatos. Diga-se, a bem da verdade, que a maioria dos gatos é fake: imagens, quadros, esculturas, toys. De pêlo e alma mesmo, só há dois. Aliás, duas: Prissy e Bibi.*

*Bibi, sempre na dela, nunca nos dava bola; mas Prissy nos acompanhou atentamente quando pusemos para tocar uma gravação comemorativa do centenário de Ari Barroso, onde ele dava um depoimento emocionado.*

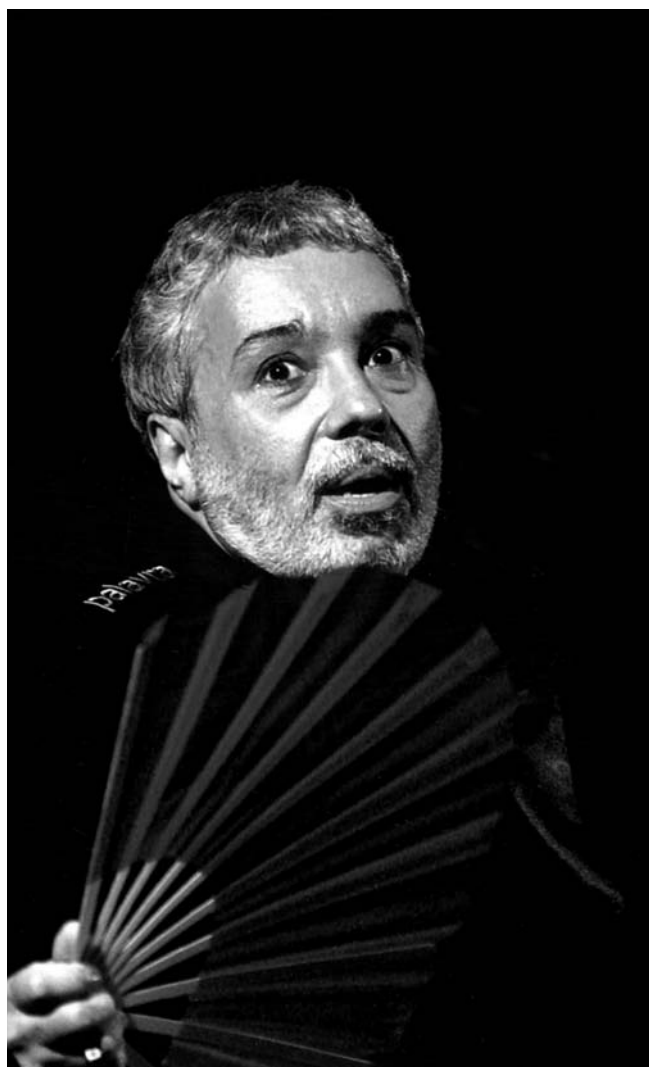
*Em seguida, surpresos, ouvimos que ele se preparava para declamar a letra (!) de Farrapo de Gente. Eu, particularmente, fiquei encantado com a coincidência. Daí começamos a discutir a propriedade ou não de usar música gravada. Depoimentos? Canções inteiras? Gravações de histórias contadas poderiam ser a costura do espetáculo? Talvez. Mas decidimos ali que, certamente, a voz da Mariposa deveria ser a do próprio Adoniran! Depois ouvimos Retrato de Maria com Ivon Cury. Que coragem, que despudor! Minha idéia era projetar a cena do filme da Atlântida, com o próprio Ivon fazendo o número. Mais tarde recorri a João Carlos Rodrigues que me garantiu que esta cena de filme,*

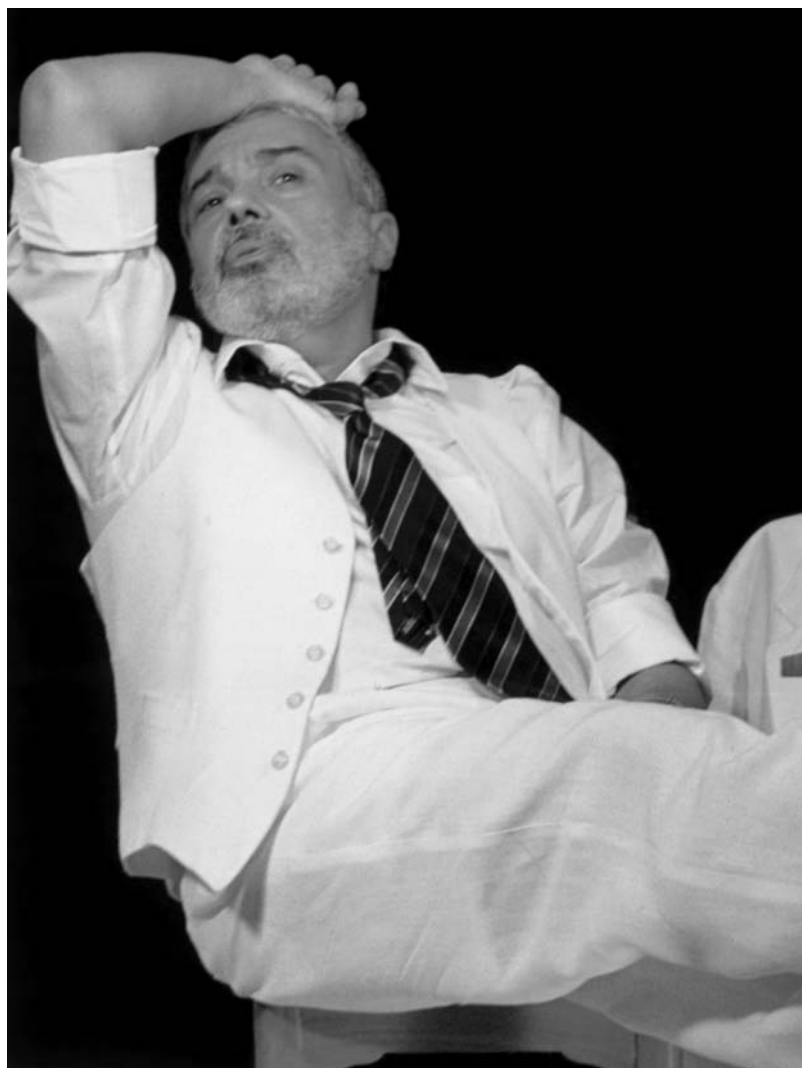
*a exemplo da cena onde Edith Piaf canta Mon Homme, também faz parte da série* Muita gente viu, mas nunca existiu. *E continuou:* Talvez você esteja confundindo o Ivon com o Edy Star, que também fez esse número nos anos 70, na Praça Mauá. – Ah, então já fizeram isso? Edy Star, nos anos 70? E eu que pensei que estava fazendo um resgate. – Mas você está. Você só não imaginava era o tamanho do resgate.

Domingo, junho 06, 2004

120 *Começamos, Naum e eu, nossa temporada carioca de ensaios com um exílio fluminense: fomos passar três dias em Paraty! Despedi-me de Bibi e Prissy com uma enganadora sensação de dever cumprido. Afinal, já estávamos com quase um terço do roteiro fechado, eu pensava. Tínhamos uma introdução com Febril e Metáfora, do Gil; depois Uns, do Caetano. Em seguida uma falsa biografia que incluía, entre outras, Pau-de-Arara, do Vinícius e Carlinhos Lira; Cariocas, da Adriana; Luiza, do Tom; País Tropical, do Benjor e terminava com Paratodos, do Chico. E por aí ia, correndo bem legal, até a empacada paralisante que demos no bloco Separação.*

*Paraty foi gentilíssima conosco: nos recebeu com dias claros, temperatura amena de dia e friozi-nho suficiente só pra dormir bem à noite. E o*







*melhor: estava vazia! Depois da média com pão e manteiga da padaria da Dalva Lacerda (era o segundo café da manhã do dia...), sentamos pra trabalhar.*

*E então minhas recônditas suspeitas revelaram-se verdades verdadeiras. Estava virando uma rotina sem graça a idéia que nos parecera genial no dia anterior, revelar-se frágil e deslocada na releitura do dia seguinte. O encadeamento de letras perfeito, comemorado com risos e expressões vitoriosas, soava ingênuo, pobre, incompreensível.*

124 *Talvez Bibi estivesse tentando me alertar para isso, quando, num final de tarde em São Paulo, me tirou sangue com uma unhada quando tentei obrigá-la a compartilhar de minha alegria.*

*Na manhã seguinte, depois de bisar o pãozinho da Dalva, Naum saiu pra comprar CDs e depois de ouvi-los passou a sugerir letras que eu rejeitava com veemência: Dormindo no Molhado, Rio de Janeiro, Kátia Flávia, Nas Curvas do Teu Corpo, Lembra de Mim? Eu teimava e insistia com Jorge da Capadócia, Camisola do Dia, Prostituta, Charles Anjo 45. O clima pesou de verdade quando pintou uma discussão sobre a propriedade ética de se usar um poema do Wally Salomão que, apesar de ser declamado pela Bethânia no seu CD que homenageia Nossa Senhora, não havia*



*sido escrito para ser cantado.*

*- Se não é música, não pode entrar!*

*- Mas é lindo! Ótimo de se dizer!!*

*- Acho melhor a gente dar uma parada.*

*13 horas: Almoço. Tarde livre para compras. Naum comprou uma caneca branca bem larga (deve ser pra não derramar o capucino quando bater com o mixer, invejei), um pano indiano lindíssimo, que ele descobriu não sei como numa loja onde eu entrava todos os dias (ódio!) e uma escultura muito bonita do Cizinho. Visitou algumas pousadas e traiu Bibi e Prissy com um gato caíçara.*

*Quando sentamos novamente para trabalhar, os deuses do teatro resolveram dar uma mãozinha (ou seria a compulsão consumista satisfeita?), e as coisas pareceram entrar nos eixos outra vez. As letras apresentavam-se quase como por acaso, e se encaixavam. Ou não. Mostravam-se claramente inadequadas.*

*Talvez tenhamos percebido ali que essas viradas faziam parte do processo. É como um labirinto: becos sem saída, voltas desnecessárias, pistas falsas. Mas no fim acabávamos encontrando a*

*saída. Essas idas e vindas continuam acontecendo até hoje, a menos de vinte dias da estréia. Não causam mais nenhum terremoto. Na maioria das vezes, apenas uma certa tristeza por uma letra muito querida que se vai. Mas o todo só se fortalece. Não sei se li em algum lugar ou se vi num filme; ou talvez tenha ouvido de algum professor ou de um velho ator que as respostas estão todas no texto.*

*Sempre acreditei nisso e sempre me dei bem, procurando e encontrando as respostas. Mesmo agora, quando o roteiro continua mudando – ou quem sabe, exatamente por isso – as respostas estão todas lá.*

127

Sábado, junho 26, 2004

*Para o dia 24 de junho, dia de São João, estava marcada nossa estréia. Para o bem de todos os envolvidos, a SoPPa será servida ao público somente hoje, sábado, dia 26 (quarto crescente, viva!). Não vale mesmo a pena falar dos problemas de produção aqui. Foram (e ainda hoje estão sendo) muitos. Mas soluções, generosas ou criativas, também apareceram. Porém o que mais me impressionou foi uma versão bêbada da Lei de Murphy: como tantas coisas podem dar tão errado tendo tudo para darem certo!*



*Dia 6 de junho terminamos de marcar o espetáculo. Marcar, para quem não está acostumado ao jargão teatral, significa estabelecer e fixar os movimentos dos atores em cena; quando levantar, por quanto tempo ficar sentado, para onde olhar; por onde ou quando se entra ou se sai. Os ensaios de marcação também ajudam a memorizar o texto, que fica atrelado aos movimentos. Naum marcou bem rápido e com precisão. Fico muito orgulhoso quando percebo que ele se adonou do espetáculo, e transita com total intimidade por seus climas e blocos, como se fosse seu. Depois de conceber e desenhar os painéis do cenário – entradas assimétricas ao fundo, à direita e à*

*esquerda – definiu os objetos em cena: uma mesa de botequim com três cadeiras; uma espécie de aparador com espelho; uma pequena bergère, um banquinho de madeira e duas mesinhas de apoio. Ao fundo, mais três cadeiras onde estarão os músicos.*

*Os blocos da primeira parte serão o Prólogo, Biografia, Sentimental e Separação. Depois virão Noite, Um Certo Alguém, Tempos Violentos e Epílogo. Separando-os, um número instrumental – Sábado em Copacabana – bateu o martelo o maestro Gnattali. Tivemos muita sorte com os nossos músicos. O compromisso anteriormente assumido por eles, na undécima hora, desmaterializou-se e então poderemos contar com um time de primeiríssima: Lena Verani nos sopros, Nilze Carvalho nas cordas e Fabiano Salek na percussão. Conheço o Fabi tem muitos anos. Ele é filho do Marcos Leite, para quem o espetáculo é dedicado.*

*Não foi fácil a junção da parte musical com as letras. Nada de novo, eu intuía que seria assim. Afinal de contas, trata-se de uma cirurgia delicadíssima: tirar a melodia nativa de uma letra e obrigá-la a conviver com outra, estranha. Mas o talento, a agudeza e, sobretudo, a paciência de Roberto Gnattali, venceram bravamente o desafio. Vale a pena prestar atenção nas sutis*

*referências melódicas e na música incidental especialmente composta para o espetáculo.*

*Pulando de alhos para bugalhos, foi impressionante a sucessão de baixas por doenças respiratórias na equipe. Eu, como bom somatizador, me encontro totalmente afônico e proibidíssimo pela dra. Ruth Bompert, minha fonoaudióloga, de falar ao telefone. Entrevistas por telefone, só na semana que vem. Sorry.*

*Dia 2 de julho, dia do espetáculo para a crítica, é primeira sexta-feira do mês. Vou madrugar na porta dos Capuchinhos, que eu não sou nem besta!*

Terça-feira, julho 13, 2004

*Embora eu tivesse sido avisado de que a crítica de Bárbara Heliodora seria positiva e sairia na primeira página do segundo caderno de O Globo, não pude deixar de ficar impactado pela beleza da foto e pela alta voltagem dos elogios contidos ali. Bárbara foi, além de extremamente generosa, muito poética quando descreveu o espetáculo como uma espécie de caixa mágica, que tem dezenas de outras caixas dentro de si, que vão saindo umas das outras e formando um rio, um percurso contínuo, onde coerências e contrastes se sucedem como uma serpente que, antes de ser encantada, encanta ela mesma o público.*

*Pois é. Então tá, né?*

*Débora Ghivelder, na Veja Rio, também é muito elogiosa e coloca a SoPPa entre as cinco melhores peças em cartaz, sendo a única com quatro estrelas (conceito: muito bom).*

*Não é mesmo? Então.*

*Bom, vocês podem imaginar como estamos todos felicíssimos! Eu, então, mal caibo em mim de tanta alegria pelo fato de as pessoas – crítica e público – estarem gostando do resultado de um*



Nilze Carvalho, Lena Verani e Fabiano Salek

*projeto que foi maturado por tantos anos. Ele não muda a dramaturgia, não revoluciona nada. Apenas diverte, emociona, agrada, deleita. Modestamente... hehehe! Creio eu que isto acontece porque o espetáculo oferece à platéia uma oportunidade para que ela penetre mais fundo em coisas que ela julgava conhecer bem. Como um dos povos mais musicais do planeta, temos o hábito de cantarolar pedaços de melodias – às vezes letras inteiras – sem atentar para seu real significado.*

132 *O querido Ricardo Cravo Albim, no artigo que ele teve a gentileza de escrever para nosso programa, coloca a coisa com muita elegância, como é do seu feitio:*

*...É isso, exatamente isso, a corporificação da poesia, que você vai ingerir. E deixar-se embriagar pelas letras, aquelas mesmas, boa parte das quais você sempre conheceu em forma de assovio... Aquilo que sempre esteve escondido na garganta, a letra cantada sem o entendimento preciso de sua grandeza. De sua alegria ou tristeza. De sua sensualidade. Do palco eu consigo escutar os neurônios estalando na platéia...*

*Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana!, Bertolt Brecht colocou na boca de Galileu Galilei. E Jorge Benjor ratifica: E como já dizia*



Galileu da Galiléia, malandro que é malandro não bobéia...

*Agora que passou a estréia, não pensem que a coisa amolece. Não! Pelo contrário! Agora começa uma outra batalha: a de alimentar e manter o espetáculo vivo, com renovado interesse para o público. Da minha parte, agora é que ele vai começar a acontecer. Não tenho ainda domínio dele, estou, aliás, bastante longe disso. Não é balela: ainda troco versos e esbulho rimas. De qualquer forma mais do que isso, estou à procura*



*do espaço que preciso para poder curtir o barato de estar em cena, apropriando-me completamente das palavras dos compositores.*

*Engordei três quilos nas semanas que antecederam a estréia. Matei várias aulas do professor Péricles, quase não nadei e enfiei o pé na jaca da comida, que também não sou de ferro nem nada! Tá certo que tudo é justificativa, mas eu que nunca janto, acabei saindo todas as noites depois do ensaio, para quase sempre em volta de um prato de massa fumegante, conversar sobre o espetáculo que estrearia dali a uma semana... Três... Dois dias... Amanhã!!! No próprio dia da estréia, fui cedo para o centro da cidade tentar encontrar a meia que Iracema usava quando foi atropelada na Av. São João. Na hora do almoço, meio no faro, encontrei a Confeitaria Cavé, que mudou-se faz algum tempo da esquina da Rua da Carioca para uma lojinha menor, onde antes funcionava a saudosa Casa Radiante, de chapéus masculinos. Parei lá na hora do almoço e me empanturrei com os seus deliciosos salgadinhos. Mas a perdição mesmo são os doces, cujos nomes aqui transcrevo para incendiar vossa imaginação e encher d'água as vossas bocas... Jesuítas, Argolas Douradas, Almendrados. Palha de Abrantes, Batas de Chantilly. Lamegos, Madalenas, Lampréia de Ovos, Cavacas das Caldas, Súplicas de Coco.*

*Num momento particularmente sombrio e desastroso do processo de produção, quando as coisas ficaram tão negras que foi preciso suspender dois dias inteiros de ensaio, saí a pé sozinho e fui ao cinema no Roxy. Procurei a coisa mais escapista e desvinculada que estivesse em cartaz e escolhi O Dia Depois de Amanhã. Acertadíssima a minha escolha. Fiquei lá aquelas quase três horas, sem pensar em nada, deixando minhas emoções serem habilmente manipuladas pelos atores e os efeitos especiais. No final, nos quase dez minutos de créditos, dois deles me chamaram a atenção: Breakdown – Mr. Fulano; Breakdown Assistant – Mr. Sicrano.*

136

*Que maravilha! Americano pensa em tudo, né gente? Eu ali estressado, à beira; sem saber que a ventura desta vida é a cabrocha, o luar, um violão e um breakdown assistant!*

*Pouco tempo depois, descobri que breakdown assistant é o auxiliar de decupagem e não um controlador de piti. Perdeu toda a graça.*

*Terça-feira, agosto 03, 2004*

*Peço desculpas aos visitantes do Blog da SoPPa por não ter tido tempo de atualizá-lo. Estou me preparando para começar as filmagens de O Coronel e o Lobisomem, sob a direção de Maurício*

*Farias. Teremos locações em Quissamã (RJ) e Belo Horizonte, então vai ser uma correria para vir fazer a peça no Centro Cultural da Justiça Federal, de quinta a domingo. Lá, nossa temporada estendeu-se até o domingo 29 de agosto; e em 7 de setembro estaremos num teatro maior: a Sala Baden Powell, em Copacabana.*

*Domingo, agosto 15, 2004*

*Vocês viram? O blog da SoPPa saiu no Xexéo! Na coluna de O Globo de hoje, domingo, dia 15 de agosto. Só assim eu saio da vagabundagem e me sento para postar. Uma ova! Tenho trabalhado direto: filmando a três horas de carro do Rio e voltando para fazer a peça; e voltando de novo para filmar ao término do espetáculo, para retornar no dia seguinte, etc. Em breve vou começar as gravações de um programa novo de TV. E ainda tem gente que acha que vida de artista é moleza!*

137

*A SoPPa é um sucesso! Nossos ingressos já estão praticamente todos vendidos até o dia 29 de agosto, que é quando termina a temporada no CCJF. O público tem estado muito quente e participativo, e aplaude generosamente ao final do espetáculo. Aliás, adoro conversar com o público depois que a peça termina. Acredito que esse contato mais pessoal é gratificante para ambos, público e artista. É muito bom ouvir as pessoas*



*e, pelo que tenho percebido, elas têm muito a dizer. É só ter um pouco de paciência e esperar uns 15 minutinhos enquanto tiro a maquiagem e troco de roupa.*

*O teatro do Centro Cultural da Justiça Federal, onde estamos apresentando a SoPPa, apesar do palco pequeno e quase sem coxias, é bastante confortável para o público. Tem boa acústica e proporciona ao espectador uma ótima visão de qualquer lugar onde ele se sente.*

*Os camarins são simpáticos e confortáveis, cada um com seu banheiro privativo. O camarim é como uma segunda casa para o ator.*

139

*– E me tranquei no camarim, tomei um calmante, um excitante e um bocado de gim, canta Cauby Peixoto em Bastidores, do Chico.*

*Até que está arrumadinho o meu camarim: artes da minha camareira Arminda. Colados no espelho estão fotos, cartões e telegramas dos colegas; na bancada, vários itens de maquiagem; lápis e pincéis; lenços de papel; creme e loção demaquiante; bombinha para crise de bronquite. Muitos galhos de arruda! No espelho coleí também um aviso em vermelho onde se lê: BRAGUILHA. É que mais de uma vez fiz toda a primeira parte do espetáculo com o zíper aberto.*

*É aqui que meu personagem se prepara para conviver com os poetas da MPB. Do camarim saem para o palco Lily Brown e outras personagens geniais do Chico; vestem-se e se penteiam os alegóricos cariocas de João Bosco e Aldir Blanc; vêm para a luz do refletor as dores de Lupicínio, as alegrias de Ari, o talento de Paulinho da Viola, Herivelto Martins e muitos mais. Obrigado a eles todos.*

*E muito obrigado mais uma vez, Xexéo. Espero você na Sala Baden Powell.*

Segunda-feira, setembro 20, 2004

140 *Volto agora aos braços dos deuses do Teatro que, para meu alívio, não ficaram enciumados nem se sentiram traídos. A SoPPa continua um sucesso. Confesso que eu estava um pouco temeroso com a troca de teatro. Afinal estava sendo fácil – extremamente fácil! – lotar um espaço com apenas 142 lugares. A Sala Baden Powell, porém, tem mais de quinhentas poltronas... Não, os deuses do Teatro não me abandonaram! É sensacional ver como as pessoas gostam do espetáculo. E a mim que, a cada dia, me transformo num cara cada vez mais acessível e bato muita perna em Copacabana, me abordam na rua, no supermercado, na farmácia. Coisa de louco! É quase como se eu estivesse fazendo um bom personagem numa novela de sucesso. Só tenho que agradecer. Muito.*

Sábado, outubro 30, 2004

*A SoPPa despediu-se da Sala Baden Powell com a casa lotada e com Eduardo Dusek me dando a honra na platéia. Na semana anterior foram Bibi Ferreira e Moraes Moreira nos assistir. Bibi chegou discretamente, sentou-se na última fila, e no dia seguinte mandou-me um telegrama que será devidamente colado no espelho do meu novo camarim, no Teatro do Leblon.*

*O espetáculo está diferente do que era, quando estreou. Cresceu um pouco em duração – deve estar agora com uma hora e vinte minutos –, ganhou um papo improvisado com o público no que seria o intervalo e teve algumas letras mudadas e outras acrescentadas. O resultado tem me deixado muito feliz. E também vem deixando o público feliz, ao que parece. O aplauso final é entusiasmado e eu percebo uma emoção genuína nas pessoas que vêm falar comigo depois do espetáculo. Mas é claro, não é sempre que se consegue agradar a todo mundo. Certa vez, não me lembro mais se procurando por alguma matéria específica ou simplesmente por curiosidade, digitei meu nome no Google. Entre as muitas centenas de resultados da busca (são 36 anos de carreira!), alguns bem estranhos. Num blog, por exemplo, havia um post onde eu era citado como um dos piores atores do Brasil... E o blogueiro continuava: ...juntamente*

com Débora Bloch e Selton Mello! *No primeiro momento fiquei chocado, mas depois vi que eu estava em excelente companhia e era óbvio que o carinha não sacava nada de interpretação e estava apenas sendo desagradável. Débora, além de linda, é uma atriz excepcional. Inteligente, versátil e extremamente sensível. Teve provas irrefutáveis disso quem foi vê-la no ano passado fazendo a Helena no Tio Vânia, do Tchecov, do Diogo e do Aderbal. E falar o que do Selton? Se for pouco escrever que ele é um ator moderno e um dos melhores da sua geração – além de um produtor bastante ousado – os prêmios que ele tem recebido e sua presença como protagonista no cinema, no teatro e na televisão, preenchem vários parágrafos.*

Quarta-feira, novembro 17, 2004

*A SoPPa reestreou no Teatro do Leblon na quinta-feira passada, dia 11, num espetáculo fechado para os funcionários da TV Globo. A casa estava, portanto, lotada só com amigos e colegas de trabalho. A TV Globo facilita a veiculação de anúncios grátis de 15 segundos das peças teatrais produzidas ou estreladas por seus contratados, em diversos horários da sua programação. Mídia inestimável e também literalmente impagável, pois o preço do segundo de propaganda em televisão é astronômico!*

*No dia seguinte, na matinê das 5 da tarde, um susto: apenas 30 pessoas na platéia! Precisamos trabalhar e divulgar mais este horário, que apesar de ótimo e muito elogiado quando falamos nele, ainda não chegou ao conhecimento das pessoas. No sábado e no domingo, alívio: esgotamos as lotações e muitas pessoas voltaram da porta, sem ingressos.*

Pois bem, a SoPPa e o blog continuam. E espero que consiga patrocínio para levar em 2005 o espetáculo para todo o Brasil. Já sei, preciso me preparar mais uma vez para diversos nãoos!!! Mas seguirei com o espetáculo no qual me entrego muito. Desde a escolha das músicas, que têm a ver comigo, que dizem o que gostaria de dizer. Só posso estar feliz de ser porta-voz de poetas tão maravilhosos. O mais recompensador de tudo é ouvir as pessoas comentando *não sabia que essa música queria dizer isso*. Isso vale mais do qualquer dinheiro que possa ganhar. Esta comunhão entre o artista e a platéia ninguém te dá, nem o cinema, nem a televisão. Só o teatro, que morre e renasce a cada dia. E arrebatava a cada noite as pessoas de uma maneira diferente.



## Capítulo IX

### O Coadjuvante Bem-comportado

Durante muitos anos, fui *televizinho*. Na minha casa reinava absoluto, na sala, um rádio de baquelite azul e nos reuníamos em volta dele para ouvir as notícias, as novelas. A TV era só um fascínio. Nossos vizinhos, que moravam nos outros sobrados da Rua Evaristo da Veiga, também não tinham televisão. Na vila, onde morava a Djanira, no entanto, havia uma casa com TV. Eu me lembro de ficar na janela olhando fascinado. De vez em quando a dona da casa me convidava para entrar, mas como a minha mãe havia recomendado tanto que não ficasse muito tempo, entrava, sentava no chão, mas não demorava. Televisão na minha casa, só no Rio Comprido. Um dia, apareceu no meio da sala, para enorme prazer da família.

145

O primeiro programa que me lembro de ter assistido foi uma novela, do Nélson Rodrigues, chamada *A Morta sem Espelho*, com Fernanda Montenegro e Sérgio Britto.

Era bem tarde da noite. Por influência do meu vizinho, comecei a ver peças de teatro na TV e até pouco tempo tinha um caderno, em que estava anotado tudo o que vi. Adorava, também, ver os espetáculos musicais.

Meu primeiro salário foi na televisão, e já contei, como dublador do filho do *Homem do Espaço*. Eu via o seriado e sabia que estava lá, era só a minha voz, mas me sentia importante.

146 Depois, já ator, comecei a achar que a televisão era uma coisa menor. E este era um pensamento da época. É claro que levei este preconceito para as minhas primeiras atuações na TV. Não de caso pensado, refletido, mas, reavaliando, acho que sim. O que me enlouqueceu de fato na televisão, desde o primeiro momento, é que não havia tempo suficiente para se criar um personagem. Ensaiai, nem pensar. Além de não estar acostumado com este método, tenho um defeito de caráter horrroso: sou absolutamente perfeccionista. Sempre quero que tudo saia certo e na TV jamais saía. Hoje tenho uma relação mais amiga com a TV. Já sei que ela é um veículo eminentemente técnico, em que o som, a luz, a imagem devem estar perfeitos. O ator deve saber o seu texto para não atrapalhar e gaguejar, porque será impossível refazer a cena. Não sofro mais por isto.

Fiz duas novelas na TV Tupi: *Super Plá*, de Bráulio Pedroso, logo depois de *Beto Rockfeller*. Não fez o mesmo sucesso, mas dois personagens eram tão fortes, Joana Martini e Baby Stompanato, que viraram uma peça de teatro, protagonizada pela Marília Pêra – *A Vida Escrachada*. Eu fazia

um garçom, chamado Benjamim, uma homenagem a um profissional que trabalhava no Ferro's Bar, um restaurante muito famoso no Bexiga, tido como o *point* das lésbicas, que toda a classe teatral freqüentava. Em *Toninho on the Rocks*, uma novela que ninguém viu, porque estreou na mesma época que *Irmãos Coragem* na Globo, eu vivia outro garçom e tremia tanto com a bandeja que o barulho dos copos atrapalhava a cena.

Na Globo, estreei em *Bicho do Mato*, que era dirigida pelo Moacyr Deriquém e emendei praticamente com *A Patota*. Realmente, os papéis não correspondiam à minha expectativa, não diziam muita coisa. Eu sabia que era considerado como ator, que era versátil, mas sentia que não era levado em consideração. O Walter Avancini foi quem me deu uma boa oportunidade. Ele me assistiu em *Jorginho, o Machão*, peça em que era protagonista, candidato a prêmio, e me chamou para *Gabriela*, novela que foi um marco em todos os sentidos, e comemorava os 10 anos da Globo. O meu personagem era pequeno, mas tinha um destaque. Fiz o primeiro nu da televisão brasileira, junto com a Cidinha Milan. Era uma cena bonita em que os dois apareciam nus, quando expulsos da cidade. O Avancini era um diretor rigoroso, exigia que falássemos com sotaque até mesmo na hora em que não estávamos gravando.

Eu só fiz 11 capítulos, mas passei meses falando com sotaque baiano. Ele era uma pessoa difícil, quase nazista ao impor regras e disciplina. Nunca, porém, levantou a voz para mim e devo a ele muito. Ele falou várias vezes que eu era o melhor ator da TV brasileira. A primeira vez pensei: *Deve ser brincadeira*. Meses depois ele repetiu. Até acreditei um pouquinho. Com Avancini fiz ainda *Saramandaia* e *O Pulo do Gato*.

148 Sabe o que é engraçado? Jamais ganhei um prêmio em televisão. O que isso quer dizer? Ou eu sou um péssimo ator de TV – ao contrário do que disse o Avancini – ou os personagens que me dão para fazer não atingem destaque suficiente para que ganhe um prêmio. Isso durante bastante tempo me causou um sentimento muito ruim. E quanto mais eu sentia, mais aconteciam personagens inexpressivos para serem feitos por mim. Foi quando decidi largar a televisão e fiquei oito anos afastado. As coisas mudaram? Não exatamente, posso ter feito bons trabalhos, e fui chamado para coisas excepcionais pelo Paulo Ubiratan, pelo Guel Arraes, pela Denise Saraceni, mas tendo a achar que sou uma espécie de curinga. *Tem um papel meio assim, assim... Ah, chama o PP, que ele vai fazer bem*. Chega uma hora, porém, que você esgota a sua possibilidade de fazer com que papéis insignificantes tenham

alguma significância. Seria tão bom se existisse um personagem pronto, com chances, para que pudesse mostrar todo o talento que dizem que tenho. Algo que me desse um pouco menos de trabalho. Estou ficando cansado. Durante algum tempo, fui incorporando um componente paranoico muito forte. *A quem eu ofendi? A quem não tratei bem? Estou colhendo o que plantei?* Acho, porém, que uma análise, uma reflexão se fez necessária para eu entender o real tamanho do meu ego e quanto eu mesmo havia rejeitado o veículo. Nossa, onde fui parar! Estava falando do que fiz na televisão e enveredei por esse caminho maluco. Vou voltar ao trilho, prometo!

149

Já contei que um dia larguei o programa do Jô por não agüentar mais ser o *homem 3*. Pois bem, voltei oito anos depois, atendendo a um convite especial do Daniel Filho: o de fazer *O Primo Basílio*. Até está no meu currículo um *O Inspetor Geral*, mas tenho pouquíssimas recordações deste trabalho: sei que fazia um papel pequenínssimo e me lembro de mim tremendamente infeliz no trabalho. Mas como não me chamavam para mais nada, aceitei.

Já em *O Primo Basílio*, meu personagem era muito bom. Sebastião, amigo do mocinho, Tony Ramos, que salva a mocinha, Giulia Gam, das garras da governanta vilã, Marília Pêra. Era

uma beleza de trabalho. Pela primeira vez na televisão soube o que era ensaio. Três meses antes de gravar ficávamos em um palco, com um cenário desmontável, ensaiando todas as cenas. Quando chegamos no estúdio, estávamos com as cenas todas marcadas. Dizem que em Portugal odiaram! Mas nós também odiaríamos se eles fizessem *Gabriela*.

O Daniel Filho é um dos melhores diretores com quem já trabalhei e devo a ele estar na Globo até hoje. No último dia de gravação de *O Primo Basílio*, estávamos em uma externa no Palácio Guanabara, em que, aliás, tudo deu errado.

150

O Daniel estava nervoso porque havia centenas de figurantes inquietos, teve um ataque: *Quero todo mundo calado, não quero ouvir uma mosca voando*. E todo mundo se calou. Neste momento, ouve-se um apito e começa um jogo de futebol no estádio do Fluminense, ao lado do Palácio Guanabara. A externa foi cancelada. Neste dia, disse ao Daniel que gostaria de continuar na TV Globo e ele me colocou na novela *Vale Tudo*. Esta foi uma experiência realmente maravilhosa. Até hoje me chamam pelo nome do personagem, Poliana. Atenção, era uma novela escrita pelo Gilberto Braga e pelo Aguinaldo Silva! Maravilhosa, que me fez reconciliar com as novelas. Mas não ganhei nenhum prêmio...

Meu trabalho seguinte foi em *O Sorriso do Lagarto*. Era uma produção independente do Roberto Talma na produtora TV Plus. Quando ele disse que íamos gravar em Paraty, respondi imediatamente não. Fui convencido porque ia ganhar dois salários – o da Globo e um igualzinho da TV Plus. E descobri Paraty.

*Conheci a Mui Leal e Heróica Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty faz pouco tempo. Quatorze anos, mais ou menos. Dizem que bom mesmo era quando não havia a Rio-Santos, e só se chegava a ela por mar. Ou então pegando em Guaratinguetá um atalho pela velha estrada de Cunha. Conheci-a meio por acaso e quase obrigado, quando fui escalado pelo diretor Roberto Talma para fazer um papel na minissérie O Sorriso do Lagarto, adaptação de Geraldo Carneiro e Walter Negrão da obra do mestre João Ubaldo. Na minha primeira visita, cheguei tarde da noite e fui direto para o hotel. Na manhã seguinte, saí para dar uma volta e então me achei como um pateta, atônito, de boca aberta por uns, sei lá, três, quatro minutos, reconhecendo aquelas casas e aquele calçamento – onde eu nunca tinha estado antes! – no mais longo déjà vu que tive em minha vida.*

151

*Foi assim que descobri o meu ponto. Quem leu Carlos Castañeda sabe do que estou falando. A*

*cidade tem uma energia muito forte e conheci quem a detestasse à primeira vista.*

*O sangue escravo correu farto naquelas pedras e sua arquitetura guarda memória de dor e sofrimento profundos. Muita lágrima derramada apurou o sal da maré. Soldados invasores sucumbiram, emboscados ali. Piratas estrangeiros perdiam o rumo, desnorteados pelo traçado parecido de ruas quase idênticas. Eu até hoje às vezes ainda me perco, mesmo tentando me orientar pelo riscado da maçonaria. E o turista passeador é obrigado a ver tudo de esguelha, um olho no padre e o outro na missa, porque se ele se distrai embevecido, corre o risco de tropicalizar no pé-de-moleque.*

152

*Agora, duvido que haja cidade colonial preservada tão generosa e cativante. Desculpe, Ouro Preto. Perdão, Tiradentes. Nenhuma está cercada por tanta ilha em tão bela baía. Qual a que é abraçada por tão luxuosa mata tropical, refrescada por tantas cachoeiras? E nenhuma outra é tão festeira: Folia de Reis, São Benedito, N. Sa. do Rosário, Santa Rita, N. Sa. dos Remédios, Procissão Marítima de São Pedro, Corpus Christi, Paixão de Cristo, Auto de Natal. E a mais famosa Festa do Divino Espírito Santo do continente! Difícil encontrar também uma mais profana e exibida: Festival da Pinga, Festival de Teatro de Rua, Carnaval, Bloco da Lama, dois Festivais de*

*Cinema. Sempre animada, ela te convida pra Dança dos Velhos, Cana Verde, Canoa, Arara, Ciranda ou Corta Jaca. E a FLIP? Feira Literária Internacional de Paraty. Um evento onde, após tropicalar, você pode escolher se apoiar no Chico Buarque ou na Cora Rónai, antes de cair de beijo na maré.*

*Eu, como muitos, prefiro-a vazia. Extremo prazer que só o egoísmo assumido proporciona. No Guia Cultural de Paraty, Thereza e Tom Maia descrevem um aspecto dessa experiência num capítulo intitulado Encantes e Malassombras: (...) visão é uma coisa, e malassombra é outra. A visão é o fantasma. Malassombra é quando assusta: um cara, um corpo seco, uma luz que se vê... A Mãe do Ouro não é visão nem malassombra. É um encanto. A Lagoa Dourada é um encanto do Rio. A sereia é encanto do mar(...) (postado no dia 5 de outubro de 2004)*

153

Tenho dito! Além de ter sido um trabalho bem legal, no qual fiz mais um padre (como eu tenho garçons e padres no meu currículo! Deve ser a origem portuguesa.) *O Sorriso do Lagarto* me deu um pouso, um lugar para descansar, refletir, me encontrar.

*TV Pirata* chegou na minha vida logo depois. Posso dizer que foi nesta época que comecei a

me sentir realmente confortável na TV. Não por elucubrações intelectuais, mas pelo exercício.

Tinha que fazer tantas coisas em tão pouco tempo – às vezes eram sete tipos em um só dia de gravação, naquele ritmo alucinante que o Guel imprime – que precisava ficar muito esperto e usar toda a experiência que tinha para exercer bem o ofício no tempo que me era destinado. Não dava tempo para sofrer – embora tentasse um pouco, disse, sou dramático. Entrei somente no segundo ano do programa, no lugar do Nanini, e fui sem medo, porque era tanta gente bacana envolvida!



*TV Pirata, com Luiz Fernando Guimarães*

Nem sempre a gente acertava, nem sempre nossas idéias resultavam bem, mas era tão bacana poder experimentar, em especial, em horário tão nobre. *TV Pirata* foi a minha melhor experiência na TV, por estar à vontade, inclusive para errar.

E aí voltei para as novelas, acho que, inclusive, mais solto, perfeito para viver um gay em *Pedra sobre Pedra*. Fiz muitos gays também na TV!

O personagem era um enrustido, que tomava conta do bordel e era apaixonado pelo Paulo Betti. Que novela boa, um sucesso! Acho que fiz

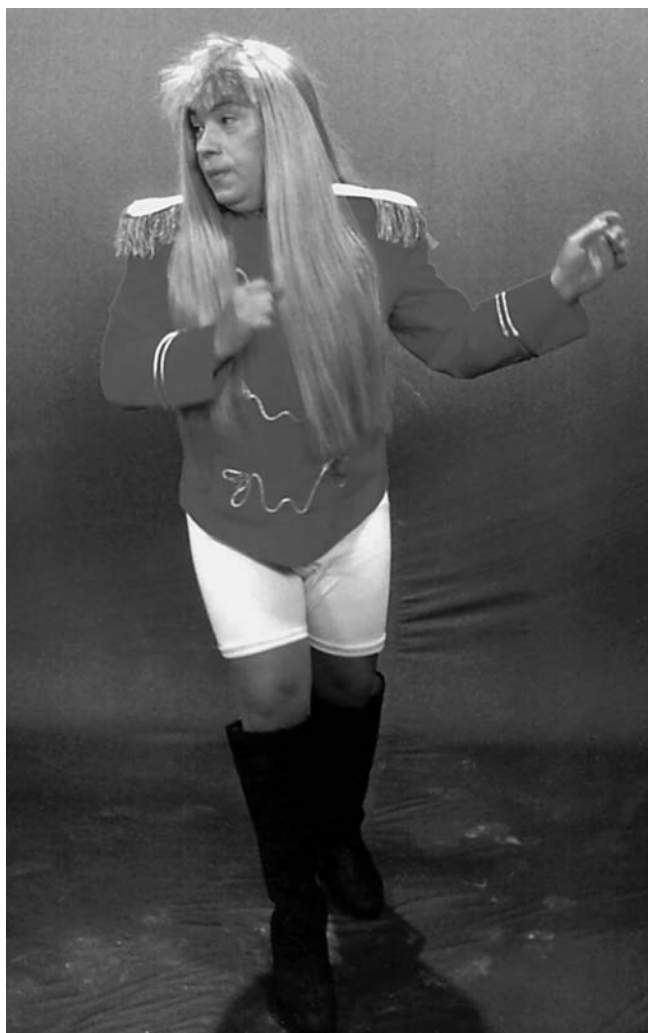


...com Cláudia Raia

poucos fracassos na TV e um deles foi a minha novela seguinte: *O Mapa da Mina*. Nada deu certo. Fazia uma dupla de mafiosos com o Luiz Gustavo e era divertidíssimo gravar com ele. O autor Cassiano Gabus Mendes morreu no meio da novela e seu final foi antecipado. Nesta novela, conheci a Denise Saraceni, que era co-diretora e isso foi uma das boas coisas na minha vida. Dizem que na TV Globo cada diretor tem a sua turma. Digo com orgulho que sou da turma da Denise, graças a Deus. Ela me considera seu *pé de coelho* e faço tudo o que ela dirige.



...com Débora Bloch...



...como "Paquita"...



...com Débora Bloch e Louise Cardoso



Foi com a Denise que fiz *Engraçadinha*, um trabalho maravilhoso, que lançou a Alessandra Negri-ni, que havia saído das garras do Antunes Filho. Eu fazia um corno na minissérie. Ah, fiz muitos cornos também. Olha como sou versátil; cornos, gays, padres e garçons. Depois, participei de um fracasso retumbante, um fracasso de penacho, *Casa do Terror*.

160 Deveriam ser onze episódios, cheguei a gravar dois, mas não decolou. E nem poderia. Era uma produção tão barata que nem tinha continuísta, aquela pessoa que anota tudo direitinho, para que, na cena seguinte, que pode ser gravada uma semana depois, as roupas, a maquiagem, os acessórios estejam exatamente iguais. Pois bem, no primeiro programa, fazia um cadáver. O maquiador veio e fez o seu trabalho. No outro dia, fez de novo a maquiagem, só que estava bem diferente. *Não está diferente?* – quis saber, metido. *Não, está bom* – foi a resposta. No outro dia, estava mais diferente ainda. *Meu amigo, não pode ser assim, tem continuidade*. Resposta: *Está certo, com o tempo o cadáver vai ficando mais podre*. Ele não tinha noção do que era continuidade, que tinha que ser igual todos os dias. Para ele, continuidade era a evolução do estado de podridão do cadáver. Ninguém me contou, não. Aconteceu comigo. Não podia dar certo! Fiquei

com muita pena, porque no terceiro episódio eu ia fazer uma alface. Jamais pude saber como uma alface aterrorizaria uma pessoa.

Tem sempre uma história engraçada na televisão, acredite. Em *O Fim do Mundo* – uma tentativa do Paulo Ubiratan e do Dias Gomes de fazer novelas menores – fiz um personagem sem maiores destaques: um mudo que ficava falante. Mas me diverti. Em uma das cenas, havia uma mula-sem-cabeça. Um figurante queria porque queria saber a que horas a mula passava. Até que o *cabo-man* se irritou e declarou: *Primeiro passa a Salgueiro, a Portela e depois é que passa a mula*. Realmente era de madrugada, chovia, fazia um frio danado e nada de a mula passar.

161

Em *A Indomada*, trabalhei novamente com Paulo Ubiratan – e gostava demais dele. A novela foi uma aposta do Aguinaldo em algo inusitado: passava-se em *Greenville*, um local no Nordeste colonizado pelos ingleses. Todos tomavam chá e falavam com um sotaque genial: *ó xente, my love*. Eu fazia um padre polonês com outro tipo de sotaque, e podia ter dado errado, mas aconteceu, deu certo. A idéia foi minha, o Paulo topou e o Aguinaldo adorou.

*Pecado Capital*. Ah, outro fracasso! Tive um *upgrade* e não era mais garçom. Era o dono de um

bar. Mas não deu certo o *remake* feito pela Glória Perez da novela da Janete Clair. Nem a Vera Fischer, que entrou em determinado momento da novela, aumentou o IBOPE. Meu personagem, digamos assim, foi um laboratório para o Bar da Dona Jura, que explodiu em *O Clone*. Já *A Muralha* foi um *remake* que deu totalmente certo. Entre todos os projetos feitos para comemorar os 500 anos do Brasil, nada chegou perto de *A Muralha*, feita pela Denise Saraceni. Era uma história maravilhosa, com personagens fortísimos, coadjuvantes bons, o que não foi muito o meu caso. Não posso dizer que dou sorte com a Maria Adelaide Amaral, embora ela seja gentil e goste de mim, mas tanto em *A Muralha* quanto em *Um só Coração* – outra minissérie sua – meus personagens não se desenvolveram. O Davidão, de *A Muralha*, era um cristão-novo, que escondia a questão, mas não foi muito adiante. Faria de novo, porém, era um projetaço, foi gravado em Paraty – e pude ficar na minha casa, olha que delícia – e era dirigido pela Denise.

*O Cravo e a Rosa* foi o canto do cisne do Avancini. Ele me chamou para fazer a novela, me avisou que o personagem era bem melhor do que parecia na sinopse e, sem dúvida, o Walcyr Carrasco soube desenvolvê-lo bem. Eu fazia o Calixto, empregado do Petrúcio, vivido por Eduardo Moscovis.



*Um só Coração*

Era um criado de Shakespeare, pois a história era baseada em *A Megera Domada*. Contracenava muito também com a Suely Franco e adorava. Foi um sucesso. Não aconteceu nada comigo, porém. Não saí em nenhuma reportagem nas revistas especializadas em televisão. Neste momento,

pensei que talvez precisasse de um assessor de imprensa, pois as coisas são assim agora. Fui tomado um pouco novamente pela paranóia. Seria o fado? Mas segui adiante, porque presto atenção para não ficar nostálgico e ressentido.

*O Quinto dos Infernos* foi uma minissérie que fez muito sucesso, mas me deixou bastante infeliz. Eu era o pai da Bruna Lombardi, que tem praticamente a minha idade, rasparam a minha cabeça, para criar uma careca, tipo Santo Antônio, e passei meses andando na rua de boné ou bandana. Para culminar, resolveram me colocar vestido de mulher. Aí resolvi me divertir. Abandonei o fado e caí no samba. Comecei a querer vestidos lindos, cachinhos maravilhosos, enfim, entrei totalmente no papel, inspirado especial-



*O Quinto dos Infernos e sua inspiração*

mente na Laura Hope Crews, a atriz que fazia a tia da Vivian Leigh em *O Vento Levou*. Fiquei tão fascinado que entrei em um *site* chamado *Find a Grave*, cheio de sepulturas virtuais, e fiz uma homenagem a ela, colocando flores virtuais. Loucura, loucura.

Outro fracasso: a novela *Sabor da Paixão*. Era uma idéia boa, uma história que se passava na Lapa, mas ficou cenografado demais, não tinha um grafite nos arcos. E olha que conheço bem a Lapa! Um toque de ressentimento: meu personagem era analfabeto, aprendia a ler e na semana em que a cena ia ao ar, precisou a diretora insistir para que fizessem uma chamada. Ora, alguém que aprende a ler em um país de analfabetos merece ao menos uma chamada. Estava fazendo 35 anos de carreira naquela semana e fiquei muito triste com o pouco destaque que estavam dando para o momento especial do personagem. É claro que me senti culpado. Eu sou assim mesmo. Passa o bonde da culpa, opa, subo logo no estribo!

165

Neste final de 2004, fui premiado com *Os Aspones*. Dirigido por José Alvarenga, me diverti muito ao lado da Drica Moraes, da Marisa Orth, da Andréa Beltrão e do Selton Mello. Que timaço! Usava uma barriga postiça e todos comentavam: *Meu Deus, o PP está bebendo todas*. Nem no estúdio as pessoas sabiam que era falsa, achavam

que eu estava comendo demais... Adorei fazer pelas pessoas, pelo texto da Fernanda Young e do Alexandre Machado e por gravar somente quatro dias por semana.

166 Neste balanço que fiz da minha carreira na televisão, acho que é bacana dizer que a TV Globo é um lugar maravilhoso para se trabalhar. Não conheço o funcionamento das outras empresas, mas só de ouvir falar o meu coração se constrange. O meu trabalho na televisão me permite fazer o teatro que desejo, experimentar, acertar ou errar no palco. Estou há 17 anos na TV Globo e hoje a nossa relação é madura. Sou filho de funcionários públicos, classe média, e tive alguma dificuldade em lidar com o poder. Ele me aterrorizava e por vezes fiquei com raiva, me rebelei de forma bastante equivocada. Hoje tenho uma relação equilibrada com a televisão e com a minha própria vida. Defeitos? Claro que existem. Sou muito feliz, porém, porque tenho ótimos amigos, grandes colegas e gosto de trabalhar na televisão.

Se a rebeldia ficou no passado, a rejeição de vez em quando aparece, mas lido de outra forma. Não fico mais ressentido. Vou lá, discuto, procuro esclarecer e na grande maioria das vezes estou equivocado.

É somente encucação, piração, não existe uma razão. Aí as minhas placas tectônicas se ajeitam e não causam mais *tsunamis*. A paranóia não é uma boa companheira, convivi com ela anos e agora a quero distante. Não que ela deixe de aparecer; bate à minha porta, mas agora só vem me visitar. E logo parte.



## Capítulo X

### A Música e o Cinema

Sempre amei o cinema. Achava lindo todo o ritual: quando o filme ia começar, soavam três gongos. A luz da sala mudava, a cortina abria, fascínio total. Os cinemas eram monumentais, salas lindas, telas enormes. O São Luiz era um monumento de mármore. O Azteca era maravilhosamente *kitsch*, com enormes leões, com luzes coloridas na boca. Quando passava pela porta do Metro Passeio sentia o *cheiro* do ar-refrigerado. E quando entrava nele, meus pés afundavam nos macios tapetes. Tudo era sedutor para uma criança. Minha relação com o cinema começou desta maneira, passou pelo absoluto deslumbramento.

169

Fui um freqüentador assíduo dos cinemas – daqueles que viam três filmes por dia. A sorte é que tinha amigos, tão amantes do cinema quanto eu, e sempre tinha companhia. Essa minha paixão pelo cinema, no entanto, nunca foi bastante correspondida.

O cinema nunca me deu muita bola. Quando ainda estava na escola de teatro, fui chamado para fazer uma figuração em *ABC do Amor* – eram três episódios dirigidos por um chileno, um argentino e um brasileiro, dirigido pelo

Eduardo Coutinho. Vera Vianna, uma loura, de cabelos compridos, era uma estrela do cinema brasileiro nos anos 60. Eu fazia figuração para Vera Vianna – aparecia em uma cena, logo no começo, dançando com meus colegas de escola. Isabel Ribeiro era uma figurante também, mas um pouquinho melhor, aparecia em uma cena ao lado da Vera Vianna. Depois, fiz outra figuração em *O Bravo Guerreiro*, de Gustavo Dahl, levado pelo Pereio.

170 Minha estréia de fato no cinema ocorreu quando me mudei para São Paulo. Aceitei o convite do João Silvério Trevisan – escritor, militante *gay*, fundador com Aguinaldo Silva do jornal *Lampião*, uma pessoa maravilhosa – e fui o protagonista de *Orgia, o Homem que Deus Cria*. É um filme totalmente anos 70, cheio de metáforas, que até hoje passa em algumas mostras, como representativo de uma época. O Carlão Reichenbach fez a câmera neste filme.

Daí pulei direto para a pornochanchada: *Como Era boa a Minha Empregada*. Era a fase absolutamente ingênua das pornochanchadas. O máximo que aparecia eram uns peitinhos. Fazia um garoto que ficava espiando a empregada, em um dos episódios. Imagina que, em uma cena, eu fiquei pendurado do lado de fora de um prédio, na altura do quinto andar, sem segurança alguma,

um total improviso. O filme foi importante para saber o que era cinema, a arte que tanto admirava. Confesso que fiquei decepcionado. Até hoje o filme passa no Canal Brasil, cujo *slogan* – brincam os atores – deveria ser: *Canal Brasil, quem deve, teme*.

Fiquei uns anos sem fazer cinema, até que aceitei o convite do Luiz Carlos Barreto e do Marco Altberg para fazer *Prova de Fogo*, um filme baseado no livro do Níveo Ramos Sales, um pai-de-santo, que virava uma cigana, uma coisa incrível. Um dia, resolvi ver o filme com o público.

Cheguei ao Condor Copacabana, que era um cinema enooooorme, e não tinha ninguém. E quando digo ninguém não é que havia cinco pessoas na platéia, não é metáfora, não tinha ninguém mesmo. Uma hora, com o filme rolando, decidi fumar um cigarro lá atrás. Estava passando na tela uma cena especialmente esquisita, em que eu ensinava a fazer coisas muito estranhas com um bombom. Aí um lanterninha se virou para o outro e disse: *Eu não fazia essa merda, nem que me pagassem todo o dinheiro do mundo*. Viu como é a minha história com o cinema?

171

*Índia, a Filha do Sol* foi uma delícia, ficamos semanas no rio Javaé, um dos afluentes do Araguaia, a Glorinha Pires fez 18 anos durante a filmagem,

o Fábio Jr. esteve lá para comemorar, nos divertimos muito. Tenho boas recordações deste filme, bonito, com uma fotografia do Pedro Farkas. Fiz duas participações bem pequenininhas em *Menino do Rio* e em *O beijo no asfalto* e parei um tempo de fazer cinema, mais precisamente 18 anos.

Voltei em *Amélia*, chamado por aquela mulher maravilhosa, linda, inteligente, louca que é a Ana Carolina. Era uma participação (ah, as minhas participações pequenas no cinema nacional!), mas me diverti muito. Era um personagem engraçado e adorei o filme quando fui assistir. Depois ela me convidou para outro trabalho dela, sobre



*Amélia*, com Marília Pêra e Béatrice Agenin



Em *Amélia*

o Boca do Inferno, mas não aceitei.

Com o curta *Cego* e o *Amigo Gedeão* ganhei um prêmio e fiquei muito satisfeito com o resultado. O filme foi dirigido pelo Ronald Palatinik, que me convidou e me deixou honrado. Estudei bastante, vi todos os cegos do cinema e optei pelo Al Pacino. Acho que fiz bem. Durante muitos anos, achei que não era um ator para o cinema, talvez fosse muito careteiro e as pessoas não me quisessem por causa disso. Uma vez, fiz um teste para um filme americano e tive que ouvir a mulher dizer assim: *Meu filho, a tela é enorme, se você faz pequenininho fica melhor*. Quando vi o *Cego*, porém, fiquei espantado com a contenção que não pensei que tivesse. Depois deste filme, fiquei com esperança de ser chamado para fazer mais cinema.

174

*Sábado, 18 de setembro, por volta de dez e meia da noite, terminei minha participação nas filmagens de O Coronel e o Lobisomem. Foram vinte e poucos dias, não consecutivos, de trabalho puxado. Onze horas por dia e uma de almoço, é o horário de trabalho no cinema. A equipe e alguns atores ainda vão seguir filmando por mais uns dez dias no Rio, e fazem as últimas tomadas em Fernando de Noronha, que ninguém é de ferro... O Coronel é um filme com orçamento médio, dentro dos padrões brasileiros. No complexo de*

*estúdios do Renato Aragão em Vargem Grande, onde filmávamos, havia outros três estúdios ocupados por alguns meses, por uma companhia produtora americana. Preparavam os cenários de um comercial de refrigerante. Mão-de-obra brasileira baratíssima (carpinteiros, escultores, aderecistas), mas mesmo assim o custo deste comercial – de 30 segundos talvez? – era várias vezes o orçamento do nosso longa-metragem!*

*Não obstante todo cansaço e stress, a grande maioria da nossa equipe mantém o bom humor e o fair play. Amizades foram feitas; laços mais antigos consolidados; um ou outro ressentimento; a promessa de algum relacionamento mais sério, paixão? Amor? Mas embora tenhamos todos o mesmo ofício, os caminhos de alguns de nós não se cruzarão por meses ou anos. Outros, talvez, nunca mais irão se ver. Para quem não conhece ou ainda não viu, recomendo que assista ao filme A Noite Americana, de François Truffaut, no qual ficam explicitadas a dor e a delícia de se fazer cinema. (postado no dia 20 de setembro de 2004)*

175

*Filmávamos cenas diurnas e noturnas, alternando calor e frio intensos. Apesar do carinho e da atenção da equipe de produção, comandada pelo diretor e príncipe Maurício Farias, é uma rotina extenuante, pois todos trabalham ininter-*

*ruptamente: maquiadores e cabeleireiros, maqui-  
nistas, iluminadores, contra-regras, assistentes,  
fotógrafo e foquistas. Aderecistas, cenógrafos  
e figurinistas. Ninguém pára, todos sempre cor-  
rendo, montando equipamentos pesados e/ou  
de manejo delicado. Tudo tem que sair perfeito,  
ou muito perto disso. E os atores, além de tudo  
mais, ainda têm que ter seus textos decorados  
e representar bem! E os que são bonitos(as),  
têm que estar lindos(as)! O que felizmente não  
me é pedido. (postado no dia 2 de setembro  
de 2004)*

176 Fui chamado para um personagem bem melhor  
do que costume fazer, em *O Coronel e o Lobis-  
somem*. Sou Juquinha, o capataz do Coronel  
Ponciano de Azeredo Furtado, personagem do  
Diogo Vilela. Foi uma loucura conciliar o teatro  
com as filmagens. Começava a peça às oito, às  
nove e meia vinha um carro me pegar, viajava  
para a locação em Quissamã, chegava por volta  
de duas e meia da manhã. Não dormia, porque  
tinha que levantar às quatro. Filmava até não sei  
que horas. Aí o carro me trazia de novo para o  
Rio. No dia seguinte a mesma coisa. E no outro,  
no outro, no outro. Quando o filme não havia  
ainda terminado, comecei a gravar *Os Aspones*  
na Globo. No meio de tudo isso, caí doente, tive  
uma pneumonia, estava no supra-sumo do can-

saço e esgotamento. Mas não quero mais falar de doença.

Se a minha relação com o cinema sempre foi meio tumultuada, acho que com a música consegui grandes momentos de satisfação. Conheci o Marcos Leite na época de *A Aurora da Minha Vida*. Ele já era diretor do coral *Garganta Profunda* e preparou os atores para cantar os difíceis arranjos a quatro vozes, criados pelo Samuel Kerr, que era de São Paulo. O Marcos fez um trabalho incrível e até brincávamos que íamos montar um conjunto chamado *Leite de Pedra*, em homenagem ao seu trabalho. Depois nos reencontramos em outro trabalho do Naum, *El Grande de Coca-Cola*, em que o Marcos fazia a direção musical. Foi aí que ele me convidou para assistir ao *Garganta* e dar umas dicas, porque queria dar uma dinamizada no grupo, em termos cênicos.

177

Fui ver uma apresentação do grupo e fiquei completamente embasbacado. Apaixonei-me à primeira vista pelo *Garganta Profunda*. A minha relação com eles durou cerca de 14 anos. Depois que o Marcos morreu, ainda fiquei uns dois anos, mas depois nos divorciamos. Com certeza a minha relação com o *Garganta Profunda* passava pelo viés da inveja. Sempre quis cantar, tocar um instrumento e me realizava trabalhando com eles. Aliás, cheguei a tentar aprender piano. Aos 40

anos, resolvi levar a sério a frase *como é bom tocar um instrumento* e comprei um piano, com o dinheiro que havia ganhado fazendo a quina na Loto. Cheguei a estudar quatro anos, e tinha um sonho de ser aqueles cantores que se acompanham ao piano. Não deu certo, porque tenho uma disfunção de labirinto, e quando fazia o movimento das mãos nas teclas pretas e brancas e meu olho acompanhava, acabava desmaiando. Acredita? Uma escala, um desmaio.

178 Dirigir um espetáculo de música é muito mais fácil que dirigir teatro: basta deixar a sua emoção fluir. O que é trabalhoso mesmo são os arranjos, mas não me metia neste aspecto, era tudo feito pelo Marcos. Eu palpitava na escolha do repertório e trabalhava o roteiro – uma das coisas mais difíceis, saber qual música junta melhor com a outra. (Sem dúvida este meu trabalho com o coral me deu cancha para fazer *SoPPa de Letra*). Depois era só me preocupar com as intenções das letras, esmiuçar seus conteúdos, entender o que a música realmente quer dizer e passar isso para o grupo.

Depois que comecei a trabalhar com o *Garganta Profunda*, fui chamado para dirigir outros musicais. Até mesmo com Marlene, de quem sempre fui fã ardoroso. Não foi muito fácil, claro, ela é uma diva que entende absolutamente de tudo e,

sabe como é, não precisa de um diretor. Afinal, ela é A MAIOR! Além de música popular, fui convidado para dirigir algumas óperas.

*Não me lembro bem se a primeira ópera a que assisti na minha vida foi uma Traviata ou uma Madame Butterfly, mas tenho certeza de que foi no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Eu devia ter uns doze anos e pouquíssimo dinheiro, de modo que economizei os trocados da mesada durante algumas semanas e comprei um lugar na torrinha. Convenci uma amiga mais velha – fã de Elvis Presley – a ir comigo, pois achava que não me deixariam entrar sozinho. Naquela época, o Municipal, belíssima obra da Belle Époque carioca inspirada no prédio da Ópera de Paris, ainda não tinha sofrido nenhuma das reformas que se fariam alguns anos depois.*

179

*O Rio de Janeiro era a capital federal e os concorridos bailes de carnaval realizados todos os anos no Theatro, com o monta-desmonta de tabladros e decorações, além de comprometerem a estrutura, destruía suas poltronas, lustres, estofados e mármore valiosos. As cadeiras de madeira do balcão simples, onde nós estávamos sentados, rangiam desagradavelmente, e as paredes, além de manchas de umidade e do estuque aparente, exibiam um tom cor-de-burro-quando-foge. O que se via no palco não era me-*

*nos lastimável: lembro que a cerejeira que se via através da janela da casa da Butterfly – apenas uma folha de compensado recortada e pintada – tremia e oscilava parecendo que ia tombar, toda a vez que algum cantor, pisando firme no palco, se aproximava dela. (Ou isso teria acontecido a uma árvore do jardim de Violeta e Alfredo, no segundo ato da Traviata?) Bom, não importa muito. O notável mesmo é que ali estava eu, assistindo à minha primeira ópera ao vivo.*

180 *Portanto, é de se imaginar o quanto eu estava deslumbrado ali, na minha primeira vez. Se a ida ao Teatro era em si uma tremenda novidade, o que dizer então da visão dos músicos, pouco a pouco ocupando seus lugares no fosso e afinando os instrumentos? Madeiras compridas, metais brilhantes, que nomes teriam? E do lustre de cristal gigantesco, com luzes tão possantes, que lá de longe conseguiam arrancar reflexos das sedas perfumadas das moças que por mim passavam, apressadas, procurando seus lugares? E do velário solene, abrindo-se magicamente e revelando a meus olhos desacostumados cenários de sonho e figurinos suntuosos? (Era sim a Traviata, agora tenho certeza! Fui hipnotizado pela cena do brinde bem no início da ópera, com uma melodia lindíssima já minha conhecida. A visão do coro vestido de gala, as mulheres com inacreditáveis*

*perucas e jóias magníficas, foi suficientemente impactante para me conquistar para sempre).*

*Saí do teatro nas nuvens naquela noite. Minha amiga não tinha gostado nada e dormiu a récita quase toda. Tenho certeza que Elvis Presley não teve nenhuma culpa nisso. (postado no dia 28 de novembro de 2004)*

A primeira ópera que dirigi era deliciosa, contemporânea, maluca: *A Ópera das Quatro Notas*, de Tom Johnson. É uma ópera com tudo – árias, duos, trios, recitativo – mas composta, como o nome diz, com quatro notas. É uma meta-ópera, pois os personagens principais são a soprano, o barítono e o tenor. Cada um se apresenta e diz qual é a sua função na ópera e faz comentários: o barítono, por exemplo, comenta como é difícil entender o que a soprano canta. Foi um grande sucesso. A segunda experiência foi com *Amahl e Os Visitantes da Noite*, ópera em um ato com música e texto de Gian-Carlo Menotti, uma peça singela de Natal. Recebi uma crítica horrorosa. Nem sei se quero dirigir ópera outra vez. Prefiro ficar como espectador. Continuarei sempre, porém, perto da música.



Com Colmar Diniz na *Ópera das Quatro Notas*





## Capítulo XI

### Deixa a Vida me Levar

Não costumo planejar a minha vida, para não ficar obsessivamente pensando na questão. A gente é sempre tão surpreendido pelo fado que prefiro deixar algumas possibilidades sempre em aberto. Deixo a vida me levar e, de repente, aparece algo totalmente inesperado no percurso.

É claro que gostaria de muitas coisas, em especial trabalhar com determinadas pessoas: Fernanda Montenegro (e quem não quer?), adoraria poder dividir o palco com ela. Outro com quem quero trabalhar é Marco Nanini, meu mais antigo amigo na classe teatral. Acho que esta dupla pode resultar em algo interessante para o público, uma coisa meio *Mutt & Jeff*. Ele grandão; eu, baixinho. Nós já namoramos a idéia, pensamos até em fazer a peça *Um Estranho Casal*, do Neil Simon, mas não foi adiante. Precisamos achar uma peça que seja boa para os dois, com dois bons personagens.

Estou com a intuição de um novo projeto teatral. Embora muitas pessoas digam que poderia fazer indefinidamente *SoPPa de Letra* – sempre criando novos espetáculos com outras músicas – me

recuso terminantemente a fazer a mesma coisa sempre. Pode escrever que assino embaixo: não vou fazer *SoPPa de Letra – A Revanche*. Quero fazer alguma coisa sobre circo, penso nisso há algum tempo, até conversei com o Aderbal Freire Filho e quem sabe escrevamos alguma coisa em conjunto. Ainda não tive a luz do caminho pelo qual devo seguir. Demorei cinco anos para concretizar o *SoPPa* e devo ficar pelo menos três para deslanchar este projeto. Menos do que isso não dá. Minha grande inspiração são os espetáculos do Phillipe Gentie que vi em Paris. São espetáculos mágicos, meio teatro, meio mímica, meio circo, meio marionete, absolutamente surpreendentes. Por que não trazê-lo para montar um espetáculo no Brasil? Por que não?

Estes são desejos, mas, como disse, aguardo o fado, o destino. E o samba, claro!, com sua alegria impulsionadora.

De vez em quando, me perguntam se abri mão de muita coisa por causa da minha carreira. Deixei de lado o quê? Uma carreira burocrática no Banco do Brasil? Uma vida na Marinha? Não, não abri mão de nada. Somente abracei uma carreira que me escolheu. Minha vida se pautou desde então pela minha profissão e não tenho queixa alguma disso.

Faria tudo de novo, com certeza. Seria, porém, mais maleável. Procuraria me relacionar melhor com as pessoas. Tentaria não levar tudo tão na ponta da faca. Acho que melhorei bastante, mas ainda tenho um longo aprendizado pela frente. Não sou uma pessoa fácil, mas também tudo foi meio difícil para mim desde o dia em que me olhei no espelho e decidi: *1,90 m, olhos azuis, só posso ser artista*. Graças a Deus, tenho um dom que me abriu muitas portas, facilitou o meu caminho. Posso dizer, porém, que depois de 37 anos de carreira tudo está bem mais fácil. A exigência, porém, aumentou também. Não suporto a idéia da estagnação. E por isso sempre existirão barreiras a serem saltadas, obstáculos cada vez maiores a serem vencidos. Se não for assim, que graça a vida terá?

Continuo esquisito. E agradeço muito à minha esquisitice. Tirar as músicas das letras, coisa que criança faz, e transformar isso em um espetáculo de sucesso só sendo bem-esquisito.

Na outra encarnação, quero voltar ator. Louro, com 1,90 m? Bem, deixo isso para Ele, que, com certeza, está vendo quantos *karmas* estou queimando nesta vida.

*Eu já passei por quase tudo nessa vida  
Em matéria de guarida*

espero ainda a minha vez  
Confesso que sou de origem pobre  
Mas meu coração é nobre,  
foi assim que Deus me fez  
E deixa a vida me levar (vida leva eu)  
E deixa a vida me levar (vida leva eu)  
E deixa a vida me levar (vida leva eu)  
Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me  
deu  
Só posso levantar as mãos pro céu  
Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me  
deu  
Se não tenho tudo que preciso  
Com o pouco que tenho, vivo  
De mansinho, lá vou eu  
Se a coisa não sai do jeito que quero  
Também não me desespero  
O negocio é deixar rolar  
E aos trancos e barrancos, lá vou eu  
E sou feliz e agradeço  
por tudo que Deus me deu

(música de Serginho Meriti, sucesso de Zeca  
Pagodinho, que encerra *SoPPa de Letra*)

## Cronologia

### TV

#### 1969

- *Super Plá*

novela de Bráulio Pedroso, direção de Antônio Abujamra. TV Tupi, SP

#### 1970

- *Toninho on the Rocks*

novela de Chico de Assis, direção de Lima Duarte. TV Tupi, SP

#### 1971

- *Yazigi on TV*

aulas de Inglês, TV Cultura, SP

#### 1972

- *Bicho do Mato*

novela de Renato Corrêa de Castro, direção de Moacyr Deriquém. TV Globo, RJ

#### 1974

- *Gabriela*

adaptação de Walter George Durst do romance de Jorge Amado, direção de Walter Avancini. TV Globo, RJ

## **1975**

- *O Noviço*

novela adaptada por Mário Lago da peça de Martins Penna, direção de Herval Rossano. TV Globo, RJ

## **1976**

- *A Patota*

novela de Maria Clara Machado, direção de Reinaldo Boury. TV Globo, RJ

## **1977**

- *Saramandaia*

novela de Dias Gomes, direção de Walter Avancini. TV Globo, RJ

## **1978**

- *O Pulo do Gato*

novela de Bráulio Pedroso, direção de Walter Avancini. TV Globo, RJ

## **1979**

- *Telecurso 2º Grau TV Cultura*

aulas de Inglês, Física, Química e Matemática, SP

- *Dinheiro Vivo*

novela de Mário Prata, direção de José de Anchieta. TV Tupi, SP

## **1981/82**

- *Viva o Gordo*

programa humorístico de diversos autores, direção de Cecil Thiré. TV Globo, RJ

## **1983**

- *O Inspetor Geral*

adaptação da peça de Nicolay Gogol, direção de Geraldo Casé. TV Globo, RJ

## **1988**

- *O Primo Basílio*

minissérie adaptada por Gilberto Braga do romance de Eça de Queiroz, direção de Daniel Filho. TV Globo, RJ

191

- *Vale Tudo*

novela de Gilberto Braga, direção de Denis Carvalho. TV Globo, RJ

## **1990**

- *TV Pirata*

programa humorístico de diversos autores, direção de Guel Arraes. TV Globo, RJ

## **1991**

- *O Sorriso do Lagarto*

minissérie adaptada por Geraldo Carneiro e Walter Negrão do romance de João Ubaldo Ribeiro, direção de Roberto Talma. TV Globo, RJ

## 1992

- *TV Pirata*

programa humorístico de diversos autores, direção de Guel Arraes. TV Globo, RJ

- *Pedra sobre Pedra*

novela de Aguinaldo Silva, direção de Paulo Ubiratan. TV Globo, RJ

- *Você Decide*, episódio *Coração Partido* escrito por Geraldo Carneiro, direção de Ricardo Waddington. TV Globo, RJ

- *Leandro & Leonardo Especial*

192 episódio escrito por Ronaldo Santos, direção de Roberto Talma. TV Globo, RJ

## 1993

- *O Mapa da Mina*

novela de Cassiano Gabus Mendes, direção de Paulo Ubiratan. TV Globo, RJ

- *Terça Nobre Especial*, episódio *Lisbela e o Prisioneiro*

adaptação de Guel Arraes da obra de Osman Lins, direção de Guel Arraes. TV Globo, RJ

- *Você Decide*, episódio *Chofer de Táxi*

escrito por Geraldo Carneiro, direção de Carlos Manga Jr. TV Globo, RJ

- *Você Decide Especial*, episódio *O Ídolo Perdido* escrito por Ronaldo Santos, direção de Roberto Talma. TV Globo, RJ

## 1994

- *Terça Nobre Brasil Especial*, episódio *Suburbano Coração*

adaptação da peça de Naum Alves de Souza, direção de Guel Arraes. TV Globo, RJ

- *Você Decide*, episódio *O Chamado da Glória* escrito por Ronaldo Santos, direção de Flávio Colatrello Jr. TV Globo, RJ

- *Terça Nobre Brasil Especial*, episódio *O Coronel e o Lobisomem*

193

adaptação de Jorge Furtado da obra de José Cândido de Carvalho, direção de Guel Arraes. TV Globo, RJ

- *Terça Nobre Brasil Especial*, episódio *O Poder da Arte da Palavra*

adaptação de Geraldo Carneiro do conto de João Ubaldo Ribeiro, direção de Tizuka Yamazaki. TV Globo, RJ

- *Terça Nobre Brasil Especial*, episódio *A Desinibida do Grajaú*

adaptação de Geraldo Carneiro da crônica de Sérgio Porto, direção de Roberto Talma. TV Globo,

RJ – Prêmio Qualidade Brasil do International Exporter's Service: Melhor Comediante

## 1995

- *Engraçadinha, seus Amores & seus Pecados*, minissérie adaptada por Leopoldo Serran da obra de Nelson Rodrigues, direção de Denise Saraceni e Carlos Manga. TV Globo, RJ

- *Casa do Terror*, episódio *A Vingança de Edmundo*  
de Luís Carlos Góis, direção de Roberto Talma. TV Globo, RJ

194

- *Você Decide*, episódio *A Barbada do Além*, direção de Fábio Sabag. TV Globo, RJ

- *Terça Nobre Brasil Especial*, episódio *A Maldita*, adaptação de Geraldo Carneiro do conto de João Ubaldo Ribeiro, direção de Reinaldo Boury. TV Globo, RJ

- *Você Decide*, episódio *Branca de Neve*  
tema de Yoya Wursch desenvolvido por Tiago Santiago, direção de Fábio Sabag. TV Globo, RJ

- *Xuxa Especial Deu a Louca na Fantasia*  
de Marlene Mattos, direção de Ignácio Coqueiro. TV Globo, RJ

## 1996

- *O Fim do Mundo*

minissérie de Dias Gomes, direção de Paulo Ubiratan. TV Globo, RJ

## 1997

- *A Indomada*

novela de Aguinaldo Silva, direção de Paulo Ubiratan. TV Globo, RJ

- *Alice no País da Música*

especial de Angélica de final de ano, direção de Carlos Magalhães. TV Globo, RJ

- *Alô Vídeo Escola*

programas educativos. Concebido por Marcelo Dantas e Rosane Schwartz, direção de Hermínia Froes. TV Futura, RJ

195

## 1998

- *Mulher*

seriado, criação de Daniel Filho. Episódio *Quarta-Feira Sangrenta*, direção de J. Alvarenga. TV Globo, RJ

- *Alô Vídeo Escola*

programas educativos. Concebido por Marcelo Dantas e Rosane Schwartz, direção de Hermínia Froes. TV Futura, RJ

- *Você Decide*, episódio *O Flagrante*  
de Antônio Carlos Fontoura, direção de Maurício  
Farias. TV Globo, RJ

- *Pecado Capital*  
novela de Glória Perez, adaptada do original de  
Janete Clair, direção de Wolf Maia. TV Globo,  
RJ

## **1999**

- *Os Três Mosqueteiros*  
adaptação da obra de Dumas Filho, direção de  
Roberto Talma. TV Globo, RJ

## **2000**

- *A Muralha*  
minissérie de Maria Adelaide Amaral, adaptada  
do romance de Dinah Silveira de Queiroz, direção  
de Denise Saraceni. TV Globo, RJ

- *A Invenção do Brasil*  
de Jorge Furtado e Guel Arraes, direção de Guel  
Arraes. TV Globo, RJ

- *O Cravo e a Rosa*  
novela de Walcyr Carrasco, direção de Walter  
Avancini. TV Globo, RJ

## **2001**

- *Brava Gente*, episódio *A História do Passarinho*

adaptação de Geraldo Carneiro da crônica de Sérgio Porto, direção de Roberto Talma. TV Globo, RJ

## 2002

- *O Quinto dos Infernos*

minissérie de Carlos Lombardi, direção de Wolf Maia. TV Globo, RJ

## 2003

- *Sabor da Paixão*

novela de Ana Maria Moretzsohn, direção de Denise Saraceni. TV Globo, RJ

- *A Terra dos Meninos Pelados*

conto de Graciliano Ramos adaptado e dirigido por Márcio Trigo. TV Globo, RJ

197

## 2004

- *Um só Coração*

minissérie de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, direção de Carlos Manga e Carlos Araújo. TV Globo, RJ

- *A Diarista*, episódio *Num Piscar de Olhos*, direção de José Alvarenga. TV Globo, RJ

- *Inventando História*

*Fantástico*. TV Globo, RJ

- *Os Aspones*

de Alexandre Machado e Fernanda Young, direção de José Alvarenga. TV Globo, RJ

**2005**

- *Belíssima*

de Silvio de Abreu, Direção de Denise Saraceni, TV Globo, RJ



Leitura de uma peça, com Paulo José, Dina Sfat, Hélio Ary, Emiliano Queiroz, Paulo Araújo, Jorge Gomes e Kleber Macedo

## Teatro

### 1965/66

- Teatro Amador do Esporte Clube Minerva, Rio de Janeiro

### 1966/67/68

- Curso de Formação de Atores do Conservatório Nacional de Teatro, RJ

### 1968

- *Roda-Viva* (Coro e Anjo Branco)  
de Chico Buarque de Hollanda, direção de José Celso Martinez Corrêa. Teatro Princesa Isabel, RJ – Teatro Ruth Escobar, SP e Teatro Leopoldina, RS

### 1969

- *Galileo Galilei* (Coro e Pequeno Monge)  
de Bertolt Brecht, direção de José Celso Martinez Corrêa. Teatro Oficina, SP – Teatro Maison de France, RJ
- *Romeu e Julieta* (Benvoglio)  
de William Shakespeare, direção de Jô Soares, Teatro Ruth Escobar, SP – Ator e Assistente de direção

## 1970

- *O Beijo no Asfalto* (Apresentador e Wernek)  
de Nelson Rodrigues, direção de Antônio Pedro. Teatro Oficina, SP – Ator e Assistente de direção

- *Jorginho, o Machão* (Jorginho)  
de Leilah Assunção, direção de Clóvis Bueno. Teatro Paiol, SP

## 1971

200

- *Tudo no Escuro* (Harold)  
de Peter Schaffer, direção de Jô Soares. Teatro Cailda Becker, SP – Ator e Assistente de direção

## 1971/72

- *A Vida Escrachada de Joana Martini & Baby Stompanato* (O Homem da Mala)  
de Bráulio Pedroso, direção de Antônio Pedro. Teatro São Pedro, SP – Teatro Ipanema, RJ

- *As Desgraças de uma Criança* (Abel)  
de Martins Penna, direção de Antônio Pedro. Teatro Anchieta, SP

## 1972

- *Castro Alves Pede Passagem* (Cantor Jovem) de Gianfrancesco Guarnieri, direção do autor. Teatro Ruth Escobar, SP – Teatro Princesa Isabel, RJ

## 1973

- *O Trágico Fim de Maria Goiabada* (Pedro) de Fernando Mello, direção de Fernando Torres. Teatro Nacional de Comédia, RJ

## 1974/75

- *A Teoria na Prática É Outra* (Chico) de Ana Diosdado, direção de Antônio Pedro. Teatro Princesa Isabel, RJ – Ator e Assistente de direção – Prêmio Governador do Estado de Revelação de Ator.

201

## 1976

- *Oh Carol!* (O Mensageiro) de José Antônio de Souza, direção de Jô Soares. Teatro Mesbla, RJ – Ator e Assistente de direção

## 1977

- *Lúcia Elétrica de Oliveira* (Pai) de Cláudia Decastro, direção de Pedro Paulo Rangel. Teatro Brigitte Blair, RJ – Ator e Diretor – Indicação para o Prêmio Mambembe de Melhor Ator e Melhor Diretor



Recebendo o Prêmio Governador do Estado de Fernanda Montenegro

- *O Palácio do Tango* (Leopoldo)

de Maria Irene Fornès, direção de Ary Coslov.  
Museu de Arte Moderna, RJ

- *Os Saltimbancos* (Cachorro)

adaptação de Chico Buarque de Hollanda do  
texto de Sérgio Bardotti, direção de Antônio  
Pedro. Canecão, RJ – Ator e Assistente de dire-  
ção – Indicação para o Prêmio Mambembe de  
Melhor Ator

## 1978

- *A Longa Noite de Cristal* (Celso)

de Oduvaldo Viana Filho, direção de Gracindo Jr.  
Teatro Glória, RJ – Prêmio *Correio de Copacabana*  
de Melhor Ator Coadjuvante.

203

## 1979

- *A Fila* (Arnaldo)

de Israel Horowitz, direção de Jorge Takla. Teatro  
Alfredo Mesquita, SP

## 1980/81

- *Uma Noite em sua Cama* (Maurício)

de Jean de Létras, direção de Antônio Pedro.  
Teatro Vanucci, RJ – Ator e Assistente de dire-  
ção – Indicação para o Prêmio Mambembe de  
Melhor Ator

## 1982

- *O Bravo Soldado Schweik* (Schweik)  
de Miroslav Hasek, direção de Antônio Pedro.  
Teatro Cândido Mendes, RJ – Ator e Assistente  
de direção

## 1982/83/84

- *A Aurora da Minha Vida* (Diretor Padre e Aluno Bobo)  
de Naum Alves de Souza, direção do autor.  
Teatro de Arena, RJ – Indicação para o Prêmio  
Mambembe de Melhor Ator – Prêmio Molière  
de Melhor Ator

204

## 1985/86

- *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*  
(Aluno)  
de Naum Alves de Souza, direção do autor. Teatro  
Villa-Lobos, RJ

## 1987

- *El Grande De Coca-Cola* (D. Pepe Hernandez)  
de House, Neville-Andrews, Sherman, White e  
Willis, direção de Naum Alves de Souza. Teatro de  
Arena, RJ – Indicação para o Prêmio Mambembe  
de Melhor Ator
- *Amor por Anexins* (Isaías)  
de Artur Azevedo, direção de Luiz Antônio Mar-  
tinez Corrêa. Botanic, RJ



*Uma Noite em sua Cama*

## 1987/88

- *O Amante Descartável* (Nilo)

de Gérard Lausier, direção de João Bethencourt. Teatro Copacabana Palace, RJ – Indicação para o Prêmio Mambembe de Melhor Ator.

## 1988

- *Pluft, o Musical* (Tio Gerúndio)

de Maria Clara Machado, direção de Antônio Pedro. Teatro João Caetano, RJ – Ator e Assistente de direção

## 1989

- *Esse É o Ano que É*

show musical de diversos autores, direção de José Lavigne. Jazzmania, RJ

## 1989/90

- *Machado em Cena, um Sarau Carioca* (Prólogo, Epílogo, Pacheco e Tito Freitas)

de Machado de Assis, direção de Luís de Lima. Teatro 2 do CCBB, RJ – Indicação para o Prêmio Mambembe de Melhor Ator – Prêmio Molière de Melhor Ator.

## 1992

- *O Circo da Solidão* (Werther)

de Márcio Vianna, direção do autor. Teatro 1 do CCBB, RJ



*Esse É o Ano que É, com Caíque Ferreira*

### **1992/93**

- *Detalhes tão Pequenos de nós Dois* (Otávio) de Felipe Pinheiro, direção do autor. Teatro Princesa Isabel, RJ – Indicação para o Prêmio Mambembe de Melhor Ator

### **1994**

- *Sermão da Quarta-Feira de Cinzas* (Pe. Vieira) do Padre Antônio Vieira, direção de Moacir Chaves. Centro Cultural Sérgio Porto e Teatro Cacilda Becker, RJ – Indicação para o Prêmio Sharp de Melhor Ator – Prêmio Mambembe de Melhor Ator – Prêmio Shell de Melhor Ator – Prêmio Molière de Melhor Ator – Prêmio Qualidade Brasil (2002)

## 1996

- *O Mercador de Veneza* (Shylock)

de William Shakespeare, direção de Amir Haddad.  
Teatro 1 do CCBB, RJ – Prêmio Cultura Inglesa de  
Melhor Ator

## 1997

- *Anônima* (Afonso)

de Wilson Sayão, direção de Aderbal Freire-Filho.  
Teatro do Leblon, RJ

## 1998

- *Pedro e o Lobo*

208 de Sergei Prokofiev, com a Orquestra Sinfônica  
Brasileira, regência de Ricardo Rocha. Teatro  
Carlos Gomes, RJ

## 1998/99

- *Arte* (Ivan)

de Yasmina Reza, direção de Mauro Rasi. Teatro  
Alfa Real, SP; Teatro das Artes, RJ – Indicação para  
o Prêmio Mambembe de Melhor Ator – Indicação  
para o Prêmio Sharp de Melhor Ator

## 2002

- *O Círculo das Luzes* (Molière)

de Doc Comparato, direção de Ulysses Cruz. Tea-  
tro Maison de France, RJ

## 2004

- *SoPPa de Letra*

roteiro de Antônio De Bonis, Naum Alves de Souza, Pedro Paulo Rangel, direção de Naum Alves de Souza. Centro Cultural da Justiça Federal, Sala Baden e Teatro do Leblon, RJ; Teatro Renaissance, SP – Prêmio Shell de Melhor Ator

## Cinema

**1966**

- *ABC do Amor*

direção de Jorge Coutinho, RJ

**1968**

- *O Bravo Guerreiro*

roteiro e direção de Gustavo Dahl, RJ

**1970**

- *Orgia, ou O Homem que Deus Cria*

roteiro e direção de João Silvério Trevisan, SP

210

**1972**

- *Como É boa a Nossa Empregada*

roteiro e direção de Ismar Porto, RJ

**1980**

- *Prova de Fogo*

adaptação do livro de Níveo Ramos Sales, direção de Marco Altberg, RJ

**1981**

- *Índia, a Filha do Sol*

direção de Fábio Barreto, RJ

**1982**

- *Menino do Rio*

direção de Antônio Calmon, RJ

- *O Beijo no Asfalto*

adaptação de José Louzeiro da peça de Nelson Rodrigues, direção de Bruno Barreto, RJ

## 1998

- *Amélia*

roteiro e direção de Ana Carolina, RJ

## 2001

- *Caramuru, a Invenção do Brasil*

roteiro de Jorge Furtado e Guel Arraes, direção de Guel Arraes, RJ

## 2002

- *Cego e o Amigo Gedeão*

curta-metragem. Conto de Moacir Scliar, adaptado e dirigido por Ronald Palatinik, RJ

Prêmio Candango de Melhor Ator no Festival de Brasília

## 2004

- *O Coronel e o Lobisomem*

adaptação de Guel Arraes e Jorge Furtado do romance de José Cândido de Carvalho, direção de Maurício Farias.

## Direção

**1974**

- *Afronta ao Público*

de Peter Handke, Teatro Opinião, RJ

**1977**

- *Lúcia Elétrica de Oliveira*

de Cláudia Decastro, Teatro Brigitte Blair, RJ

**1986**

- *Projeto Pixinguinha, show Praça XI dos Bambas*



*Afronta ao Público*, com Mario Roberto, Sergio Fonta, Marta Viana e Sebastião Lemos

roteiro de Ricardo Cravo Albim. Com Marlene, Zeca do Trombone e Alceu do Cavaco. Sala Sidney Miller, RJ

- *Projeto Pixinguinha*  
show com Zezé Motta, Rosa Passos e Eudes Fraga. Circo Voador, RJ

- *Garganta Profunda*  
sala Sidney Miller, RJ

- *Roger Henri & Flamarion*  
sala Sidney Miller, RJ

## **1987**

213

- *Yes, Nós Temos Braguinha,*  
show com Garganta Profunda  
Sala Sidney Miller, RJ

- *Projeto Pixinguinha*  
show com Les Étoiles e Garganta Profunda. Circo Voador, RJ

- *Cantando a Primavera*  
show com Garganta Profunda, Braguinha e Carlos Lyra. Museu da República, RJ

## **1988**

- *Maite-Tchu*  
show com o grupo vocal. Jazzmania, RJ

## 1989

- *Maite-Tchu*

show com o grupo vocal. Teatro Ipanema, RJ

- *Um Milhão de Melodias*

show Garganta Profunda. Sala Sidney Miller, RJ

- *Um Milhão de Melodias II, o Vozerio*

show Garganta Profunda. Sala Sidney Miller, RJ

- *Acústico, um Show sem Microfonia*

com Garganta Profunda. Teatro Villa-Lobos, RJ

- *Garganta Canta Beatles II*

show Garganta Profunda. Teatro da Barra, RJ

214

## 1990

- *Música & Cia*

show com Raul Gazolla. Teatro Ipanema, RJ

- *Coisas Nossas*

show com Garganta Profunda. Jazzmania, RJ

- *Garganta em Revista*

show com Garganta Profunda. Teatro Rival, RJ

- *Homenagem a Nássara*

show com Garganta Profunda. Memorial da América Latina, SP

- *Garganta Canta Bossa-Nova*  
show com Garganta Profunda para o Banco Hollandês Unido. Sala Cecília Meireles, RJ

## 1991

- *Chega de Saudade*  
show com Garganta Profunda. Ópera Room, SP
- *Memórias*  
show com Garganta Profunda para o Banco Hollandês Unido. Teatro Municipal, RJ
- *Show do Disco*  
com Garganta Profunda. Ópera Room, SP

## 1992

- *Outros Carnavais*  
show com Garganta Profunda. Teatro João Teotônio, RJ
- *Prêmio Shell*  
show com Garganta Profunda. Canecão, RJ
- *Som nos Arcos*  
show Garganta Profunda. Arcos da Lapa, RJ

## 1993

- *Misto Quente*  
show com Garganta Profunda. Vou Vivendo, SP
- *Garganta Canta Beatles III*

*show* com Garganta Profunda. Teatro Hilton, SP

- *Vida, Paixão & Banana*

*Garganta Canta A Tropicália*, *show* com Garganta Profunda. Teatro João Teotônio, RJ

## 1994

- *60 Anos de MPB*

*show* com Garganta Profunda. Jazzmania, RJ

- *Chega de Saudade II*, *show* com Garganta Profunda. Teatro Rival, RJ

216 • *Garganta Canta Cazuzu*, *show* com Garganta Profunda. Praia do Leme, RJ

- *A Música das Palavras*

roteiro de Cirlei de Hollanda e Vivian Wyler. Com Lucila Tragtenberg, Marcelo Coutinho, Regina Helena Mesquita, José Paulo Bernardes, Céline Imbert, Lício Bruno, Ruth Staerke e Inácio de Nonno. Teatro 2 do CCBB, RJ

## 1995

- *Garganta Profunda – 10 Anos*, *show* com o grupo vocal. Jazzmania, RJ

- *Projeto Pixinguinha*

*show* com Garganta Profunda e Luís Dillah. Tea-

tro Carlos Gomes, RJ

- *Noites Cariocas*

show com Garganta Profunda. Espaço Cultural Sérgio Porto, RJ

**1996**

- *A Ópera das Quatro Notas*

de Tom Johnson. Teatro 2 do CCBB, RJ

**1997**

- *A Música das Palavras II*

roteiro de Cirlei de Hollanda e Vivian Wyler. Com Ruth Staerke, José Paulo Bernardes, Coral Pró-Arte, Marcelo Coutinho, Marta Herr, Inácio de Nonno e Céline Imbert. Teatro 2 do CCBB, RJ

217

- *Forever Jobim*

show com Garganta Profunda. Viagens por diversas cidades brasileiras.

**2000**

- *Garganta Profunda 15 Anos*

show com Garganta Profunda. Participações especiais de Mariângela, Malu Valle, Fernando Eiras, Ju Kassou, Luís Nicolau, Luiz Guilherme e Paulinho Moska. Espaço Sérgio Porto, RJ

## 2002

- *O Gosto do Amor*

show com Garganta Profunda. Homenagem *in memoriam* ao maestro Marcos Leite. Sala Funarte, RJ

- *Coisas Nossas*

show com Garganta Profunda. Teatro da UFF, Niterói, Rio de Janeiro; Faculdade Estácio de Sá, Rio de Janeiro; Teatro do Jóquei, RJ

## 2004

- *Amahl e os Visitantes da Noite*

ópera em um ato com música e texto de Gian-Carlo Menotti. CCBB, RJ

## Índice

|                                              |     |
|----------------------------------------------|-----|
| Apresentação                                 | 5   |
| Introdução                                   | 11  |
| Dúvidas e Certezas                           | 17  |
| O Esquisito do Rio Comprido                  | 21  |
| A Meta e o Alvo                              | 39  |
| De Vibrador a Representativo                 | 47  |
| Fracassos Retumbantes, Sucessos Estonteantes | 75  |
| Os Demônios                                  | 91  |
| Ainda o Teatro                               | 99  |
| SoPPa de Letra                               | 115 |
| O Coadjuvante Bem-comportado                 | 145 |
| A Música e o Cinema                          | 169 |
| Deixa a Vida me Levar                        | 185 |
| Cronologia                                   | 189 |



## **Crédito das fotografias**

Marta Viana 65, 70, 90, 182, 205

Câmara Três 66

Vânia Toledo 73

Fernando Prieto 77

Paulo Afonso Mattos 82, 83

Cláudia Ferreira 86

Ivan Luna 88

Guga Melgar 102, 106, 131, 207

Joaquim Nabais 103

Chico Lima 107

TV Globo 163, 164

Vantoen Pereira Jr. 172, 173

Demais fotografias - acervo Pedro Paulo Rangel



## Coleção Aplauso

### Perfil

*Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro*  
Luiz Carlos Merten

*Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo*  
Tania Carvalho

*Bete Mendes - O Cão e a Rosa*  
Rogério Menezes

*Carla Camurati - Luz Natural*  
Carlos Alberto Mattos

*Carlos Coimbra - Um Homem Raro*  
Luiz Carlos Merten

*Carlos Reichenbach -*  
*O Cinema Como Razão de Viver*  
Marcelo Lyra

*Cleyde Yaconis - Dama Discreta*  
Vilmar Ledesma

*David Cardoso - Persistência e Paixão*  
Alfredo Sternheim

*Djalma Limongi Batista - Livre Pensador*  
Marcel Nadale

*Etty Fraser - Virada Pra Lua*  
Vilmar Ledesma

*Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar*  
Sérgio Roveri

*Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas*  
Pablo Villaça

*Ilka Soares - A Bela da Tela*  
Wagner de Assis

*Irene Ravache - Caçadora de Emoções*  
Tania Carvalho

- João Batista de Andrade -  
Alguna Solidão e Muitas Histórias  
Maria do Rosário Caetano*
- John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida  
Neusa Barbosa*
- José Dumont - Do Cordel às Telas  
Klecius Henrique*
- Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras  
Sara Lopes*
- Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador  
Teté Ribeiro*
- Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família  
Elaine Guerrini*
- Paulo José - Memórias Substantivas  
Tania Carvalho*
- Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto  
Wagner de Assis*
- Renata Fronzi - Chorar de Rir  
Wagner de Assis*
- Renato Consorte - Contestador por Índole  
Eliana Pace*
- Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente  
Neusa Barbosa*
- Rolando Boldrin - Palco Brasil  
Ieda de Abreu*
- Rosamaria Murtinho - Simples Magia  
Tania Carvalho*
- Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro  
Nydia Licia*
- Ruth de Souza - Estrela Negra  
Maria Ângela de Jesus*
- Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema  
Maximo Barro*
- Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes  
Nilu Lebert*

*Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?*

*Maria Thereza Vargas*

*Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto*

*Rosane Pavam*

*Walderez de Barros - Voz e Silêncios*

*Rogério Menezes*

## **Especial**

*Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira*

*Antonio Gilberto*

*Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

*Álvaro Moya*

*Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida*

*Warde Marx*

*Ney Latorraca - Uma Celebração*

*Tania Carvalho*

*Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte*

*Nydia Licia*

225

## **Cinema Brasil**

*Bens Confiscados*

*Roteiro comentado pelos seus autores*

*Carlos Reichenbach e Daniel Chaia*

*Cabra-Cega*

*Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi  
e Ricardo Kauffman*

*O Caçador de Diamantes*

*Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro*

*A Cartomante*

*Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis*

*Casa de Meninas*

*Inácio Araújo*

*O Caso dos Irmãos Naves*

*Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet*

*Como Fazer um Filme de Amor*

*José Roberto Torero*

*De Passagem*

*Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias*

*Dois Córregos*

*Carlos Reichenbach*

*A Dona da História*

*Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho*

*O Homem que Virou Suco*

*Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e*

*Newton Cannito*

*Narradores de Javé*

*Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu*

226

## **Teatro Brasil**

*Alcides Nogueira - Alma de Cetim*

*Tuna Dwek*

*Antenor Pimenta e o Circo Teatro*

*Danielle Pimenta*

*Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab*

*Adélia Nicolete*

*Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -*

*Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -*

*Pólvora e Poesia*

*Alcides Nogueira*

## **Ciência e Tecnologia**

*Cinema Digital*

*Luiz Gonzaga Assis de Luca*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Carvalho, Tania

Pedro Paulo Rangel : o samba e o fado / por Tania Carvalho. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

232p. : il. - (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-445-9 (Imprensa Oficial)

1. Crítica teatral 2. Teatro - História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

06-2287

CDD 809.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional  
(Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca

03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: 11 6099-9800

Fax: 11 6099-9674

[www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual](http://www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual)

e-mail: [livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)

SAC 0800-0123401







Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual](http://www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual)

ctp, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP  
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401  
[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

O que define um grande ator? Com frequência, sua notável capacidade de mergulhar nos personagens – ser ousado e superficial. Ao mesmo tempo profundo, vilão, palhaço, profeta, auto-suficiente, carismático. Ele deve ser como uma massa de argila, que se molda livremente pelas circunstâncias de cada personagem.



O grande ator cria interpretações memoráveis e diferentes, torna humanas e próximas do espectador figuras tão singulares quanto o misterioso apaixonado por cinema **Gigi**, da telenovela *Belíssima* de Silvio de Abreu, ou o protagonista do premiado espetáculo *SoPPa de Letra*, também concebido por ele. Em todas as circunstâncias, **Pedro Paulo Rangel** se enquadra como um dos grandes atores brasileiros. Mas até agora ainda relativamente pouco reconhecido, embora premiadíssimo no teatro, por exemplo. Uma falha que está sendo corrigida com esta biografia feita pela jornalista **Tania Carvalho** (que para a **Coleção Aplauso** escreveu também sobre Tony Ramos, Irene Ravache, Paulo José e Ney Latorraca), que desvenda suas paixões, suas idiosincrasias, sua personalidade e o trabalho deste carioca que trabalha desde 1965, acumulando prêmios e sucessos na televisão (*Os Aspones*, *O Quinto dos Infernos*, *O Sorriso do Lagarto*, *O Cravo e a Rosa*, *TV Pirata*, *Vale Tudo*), no teatro (*Roda Viva*, *Sermão da Quarta Feira de Cinzas*, *A Aurora da Minha Vida*, *Um Beijo, um Abraço, um Aperto de Mão*) e no cinema (*O Coronel e o Lobisomem*, *Amélia*, *Caramuru*).



Mais uma edição da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, na sua proposta de resgate e registro da história cultural deste país.



ISBN 85-7060-445-9



9 788570 604453